



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

NELMA REJANE OLINTO DE OLIVEIRA PEREIRA

**A EDUCAÇÃO POPULAR NA CASA DOS SONHOS EM
SANTA RITA – PARAÍBA**

JOÃO PESSOA- PB

2019

NELMA REJANE OLINTO DE OLIVEIRA PEREIRA

**A EDUCAÇÃO POPULAR NA CASA DOS SONHOS EM
SANTA RITA – PB**

Dissertação apresentada à banca examinadora do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do título de mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação, na linha de pesquisa Educação Popular.

Orientador: Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva

JOÃO PESSOA

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

P436e Pereira, Nelma Rejane Olinto de Oliveira.

A Educação Popular na Casa dos Sonhos em Santa Rita -
Paraíba / Nelma Rejane Olinto de Oliveira Pereira. -
João Pessoa, 2019.

96 f. : il.

Orientação: Severino Bezerra da Silva.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE/PPGE.

1. Educação Popular. 2. Cuidado. 3. Libertação. 4.
Emancipação. I. Silva, Severino Bezerra da. II. Título.

UFPB/BC

NELMA REJANE OLINTO DE OLIVEIRA PEREIRA

**A EDUCAÇÃO POPULAR NA CASA DOS SONHOS EM
SANTA RITA – PB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Educação do Centro de Educação
da Universidade Federal da Paraíba a fim de obter
o título de mestre em Educação.

Aprovada em: 18 / 03 / 2019

BANCA EXAMINADORA

Severino Bezerra da Silva

Prof. Dr. Severino Bezerra da Silva
(Orientador / PPGE – UFPB)

Prof. Dr^a Maria de Nazaré Tavares Zenaide
(Examinadora interna/ PPGE – UFPB)

Ana Célia Silva Menezes

Prof. Dr^a Ana Célia Silva Menezes
(Examinadora interna / DHP – UFPB)

Prof. Dr. Israel Soares de Sousa
(Examinador externo / CFP – UFCG)

Dedico a Deus pelo dom da vida. Ao meu amado esposo Vanderlan Paulo, minha inspiração. Ao nosso filho Emanuel, milagre de Deus. Aos meus pais, Maria Dolôres de Oliveira e Severino dos Ramos Olinto (*in memoriam*), a quem honro por me conceberem a vida. Aos meus irmãos, Sebastião, Tânia, Severino dos Ramos e Betânia. À minha família do coração, Mãe Hosana, Pai Chico, Eva e Betânia, por aceitarem a missão de me educar e pelos ensinamentos e valores recebidos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por cuidar de mim e iluminar todos os meus caminhos.

Agradeço ao meu esposo Vanderlan Paulo por acreditar no meu potencial e me incentivar na carreira acadêmica, pela presença em todos os momentos, e por juntos construirmos a nossa família alicerçada no amor de Deus.

Agradeço ao Professor Severino Silva pela orientação, por toda sabedoria, tranquilidade, paciência e compreensão. Que a Trindade Santa lhe conceda saúde e paz.

Aos familiares, que contribuíram na conquista e realização desse sonho.

Aos amigos e professores, pelo companheirismo, união e aprendizado.

À Irmã Estela e Yudith criaturas iluminadas que dedicam suas vidas na missão de educar na integralidade do ser.

Aos educadores pelo carinho, cuidado e amor que impregnam suas práticas.

À Casa dos Sonhos espaço do aprendizado, de cura e transformação, lugar de sonhar e de realizar sonhos.

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação da forma histórico-social de estar sendo mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se. (...) não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.

Paulo Freire

RESUMO

A presente pesquisa situa-se no âmbito da Educação Popular tendo como conceitos estruturantes *o Cuidado, Emancipação, Empoderamento, Autonomia e a Libertação*. A Casa dos Sonhos é um ambiente de produção de um saber popular e do nascimento de uma ação popular. Para nós, à medida que conhecemos tal organização, percebemos o envolvimento dos educandos e educadores na construção de uma educação popular progressista e libertadora. A Associação representa um autêntico movimento e lugar de Educação Popular que concretiza os vários elementos da pedagogia freiriana e da perspectiva libertadora de pensadores e educadores latino-americanos. A Associação Social Casa dos Sonhos possui o objetivo de contribuir na formação de crianças, jovens e adultos na perspectiva do *cuidado* e da *libertação*. A Associação, localizada na comunidade Santo Amaro no município de Santa Rita, concede assistência às pessoas dessa comunidade e se compromete com uma perspectiva educacional na qual os educandos são verdadeiros agentes de seu processo de libertação e emancipação. Nessa perspectiva constituem-se como objeto de pesquisa as seguintes questões: de que modo as ações de leitura e escrita efetivadas pelo projeto socioeducativo da Associação Casa dos Sonhos se configuram como práxis de Educação Popular? Quais são os elementos que a identificam como práxis de Educação Popular? E como podemos perceber os conceitos estruturantes (*cuidado, emancipação e libertação*) nas ações da Casa dos Sonhos? A partir desses questionamentos traçamos como objetivo geral: compreender o ponto de partida da práxis da Educação Popular da Associação Casa dos Sonhos, a partir do trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes. Escolhemos para fundamentação teórico-metodológica deste trabalho a pesquisa qualitativa, e adotamos como abordagem a pesquisa narrativa. Como resultado da metodologia e pedagogia utilizadas, percebe-se a emancipação de jovens e mulheres que se destacam por sua ousadia em enfrentar os dilemas da comunidade, da família e da sociedade. Para tanto, pautamo-nos em autores como Freire (1989; 1996; 2000; 2010; 2014), Giroux (1986; 2006), Boff (2014; 2013; 2005), Brandão (1983; 2002), Streck (2006; 2012; 2014), entre outros que contribuíram teoricamente para nossa pesquisa. Assim, compreendemos que a Casa dos Sonhos inova uma prática de Educação Popular considerando o protagonismo de vários jovens, mulheres e adolescentes da Comunidade de Santo Amaro.

Palavras-chaves: Educação Popular. Cuidado. Libertação. Emancipação.

ABSTRACT

The present research is located within the Popular education having as structuring care concepts, Emancipation, empowerment, autonomy and freedom. The Casa dos Sonhos is a production environment to a know popular and the birth of a popular action. For us, as we know that organization, we perceive the involvement of learners and teachers in building a progressive and liberating education. The Association represents a genuine movement and place of Popular education that applies the various elements of pedagogy and freiriana of liberating perspective of Latin American thinkers and educators. The Social Association Casa dos Sonhos has the objective of contributing to the formation of children, youth and adults in care and the liberation perspective. The Association, located in Santo Amaro community in the municipality of Santa Rita, grant assistance to the people of this community and is committed to an educational perspective in which learners are true agents of your process of liberation and emancipation. In this perspective are in the following research questions: how reading and writing actions take effect by the educational project of the Association Casa dos Sonhos are configured as praxis of Popular education? What are the elements that identify as praxis of Popular education? And how can we understand the fundamental concepts (caution, emancipation and Liberation) in the actions of the Casa dos Sonhos? From these questions we as general objective: understand the starting point of the praxis of Popular Education Association's Casa dos Sonhos, from the work with children and adolescents. Theoretical and methodological grounds to this work the qualitative research, and adopt as narrative research approach. As a result of the methodology and pedagogy used, the emancipation of young people and women who stand out for your boldness in confronting the dilemmas of the community, the family and society. To this end, we us in such authors as Freire (1989; 1996; 2000; 2010; 2014), Giroux (1986; 2006), Banks (2014; 2013; 2005), Brandão (1983; 2002), Streck (2006; 2012; 2014), among others who have contributed to our research theoretically. So, we understand that the dream house innovates a Popular education practice considering the role of various youth, women and adolescents in the community of Santo Amaro.

Keywords: Popular Education. Caution. Release. Emancipation.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – ESCOLINHA SONHO DE APRENDER: O LUGAR ONDE TUDO COMEÇOU	54
FOTOGRAFIA 2 – FUNDADORAS DA CASA DOS SONHOS.....	55
FOTOGRAFIA 3 – ACOLHIMENTO DAS CRIANÇAS	59
FOTOGRAFIA 4 – SALA DE INFORMÁTICA DA CASA DOS SONHOS	60
FOTOGRAFIA 5 – CONVITE PARA INAUGURAÇÃO.....	62
FOTOGRAFIA 6 – INAUGURAÇÃO DA ARCA DOS SONHOS – BIBLIOTECA E BRINQUEDOTECA...63	
FOTOGRAFIA 7 – BIBLIOTECA PE. JOSÉ COMBLIN	63
FOTOGRAFIA 8 – BRINQUEDOTECA ADRIANO ARAÚJO	64
FOTOGRAFIA 9 – MEDIADORAS DE LEITURA.....	70
FOTOGRAFIA 10 – APRESENTAÇÃO DA ORQUESTRA CASA DOS SONHOS NA CRECHE EITEL SANTIAGO	72
FOTOGRAFIA 11 – GRUPO DE DANÇA AFRO	73
FOTOGRAFIA 12 – REUNIÃO DE MÃES E RESPONSÁVEIS	74
FOTOGRAFIA 13 – ATIVIDADE EXTERNA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA	77
FOTOGRAFIA 14 – TENDA DA LEITURA (ATIVIDADE EXTERNA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA)	78
FOTOGRAFIA 15 – EDUCADORAS DA CASA DOS SONHOS.....	79
FOTOGRAFIA 16 – DINÂMICA DO “COMPROMISSO DE CUIDAR DO PLANETA”	82
FOTOGRAFIA 17 – CULTIVO DE PLANTAS MEDICINAIS	83
FOTOGRAFIA 18 – HOMENS E MULHERES TRABALHANDO NA COMUNIDADE.....	85

LISTA DE SIGLAS

BTC – Bloco de Terra Crua

CEBS – Comunidades Eclesiais de Base

CEPLAR – Campanha de Educação Popular da Paraíba

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CT – Centro de Tecnologia

DNE – Departamento Nacional de Base

MCP – Movimento de Cultura Popular

MEB – Movimento de Educação de Base

ONGs – Organizações Não Governamentais

PICS – Práticas Integrativas e Complementares de Saúde

PPP – Projeto Político-Pedagógico

RECID – Rede de Educação Cidadã

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - CAMINHOS DA PESQUISA: REFERENCIAL TEÓRICO E PERCURSO METODOLÓGICO.....	14
1.1 O MUNICÍPIO DE SANTA RITA E A CASA DOS SONHOS	16
1.2 PERSPECTIVA TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA	21
1.3 OS CONCEITOS ESTRUTURANTES E SUA ARTICULAÇÃO COM A PESQUISA	26
CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO POPULAR E PRÁTICAS DE LEITURA	31
2.1. CONTRIBUIÇÕES DA EDUCAÇÃO POPULAR À HISTÓRIA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BRASILEIRAS	33
2.2. O EDUCADOR E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA.....	36
2.3. EDUCAÇÃO E LEITURA NA PERSPECTIVA FREIRIANA	40
2.4. PARADIGMA EMANCIPATÓRIO NA EDUCAÇÃO	47
2.5. <i>CUIDADO</i>: A EDUCAÇÃO CENTRADA NA INTEGRALIDADE DO SER E NA LIBERTAÇÃO DOS SUJEITOS	49
CAPÍTULO 3 - DA REALIDADE À CASA DOS SONHOS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA ASSOCIAÇÃO.....	53
3.1. NO PRINCÍPIO ESTAVA O SONHO: ORIGEM DA CASA DOS SONHOS	53
3.2. DO SONHO À REALIDADE: ARCA DOS SONHOS – BIBLIOTECA E BRINQUEDOTECA..	61
3.3. EDUCADORAS E A ARTICULAÇÃO DO PROJETO DE LEITURA	65
CAPITULO 4 - A CASA DOS SONHOS: LUGAR DE EDUCAÇÃO POPULAR	69
4.1. A CASA DOS SONHOS E SUAS MÚLTIPLAS AÇÕES EDUCATIVAS	71
4.2. A CASA DOS SONHOS: DA LEITURA DO MUNDO À LEITURA DOS LIVROS.....	75
4.3. EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE.....	81
4.4. PROJETO “FOTÓGRAFOS DE RUA”	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	90

INTRODUÇÃO

A Associação Casa dos Sonhos foi fundada em 2004 no município de Santa Rita, na Paraíba, com o objetivo de propiciar práticas educacionais de leitura e escrita para crianças e adolescentes da comunidade de Santo Amaro, que fica localizada em Várzea Nova (uma ocupação populacional), além de ter como tarefa fazer-se próxima das pessoas da comunidade, estabelecendo novas práticas.

O percurso como pesquisador¹ parte do princípio de que nosso ofício é de estar próximo das comunidades e das pessoas que projetam sonhos e os concretizam no cotidiano. Tendo no sonho a meta a ser alcançada e almejada ao longo dos dias. O sonho é algo que se almeja, contudo não se trata de uma realidade distópica², mas capaz, por meio da esperança, de estabelecer nexos com a realidade.

A história da pesquisa sobre a Casa dos Sonhos está repleta de utopias que foram concretizadas e ganharam cor e vida em um lugar específico, além de ser articular com a necessidade de pensar sobre o papel dos movimentos sociais ao longo das duas últimas décadas, que são lugares privilegiados para o desenvolvimento de práticas da Educação Popular e, por essa razão, faz-se necessário desenvolver brevemente sobre o papel de tais movimentos.

Assim, nossa pesquisa teve como principal objetivo compreender o ponto de partida da práxis da Educação Popular da Associação Casa dos Sonhos, a partir do trabalho desenvolvido com crianças e adolescentes. Nessa perspectiva, concebemos a Educação Popular como uma prática pedagógica voltada para a emancipação dos educandos, considerando-os como sujeitos históricos.

Para tanto, entendemos que devemos centrar nossos esforços nos seguintes objetivos específicos: situar historicamente o surgimento da Associação Casa dos Sonhos verificando as origens dessa instituição e seu pleno desenvolvimento em Várzea Nova - PB; discutir as ações efetivadas pela associação Casa dos Sonhos e sua repercussão na vida das pessoas e da comunidade de Várzea Nova; verificar as ações da Educação Popular na Associação Casa dos

¹ A palavra será usada apenas dessa forma quando estiver abrangendo mulheres e homens, apenas para facilitar a leitura.

² A distopia é um conceito que se opõe as utopias, uma vez que o termo utopia se articula a sonho possível de ser efetivado. Apesar das dificuldades de efetivar o sonho, a utopia continua sendo marco e referencial para os educadores populares.

Sonhos ao longo do período, analisando sua articulação com os conceitos *Libertação, Autonomia, Empoderamento, Emancipação e Cuidado*.

Temos como hipótese que a Casa dos Sonhos é um ambiente de produção de saber popular e da práxis da Educação Popular, que se concretiza através da valorização dos saberes da comunidade, do estímulo ao diálogo e à participação comunitária com o objetivo de possibilitar uma leitura crítica da realidade social, política e econômica. Tais ações torna esse espaço de educação como um lugar de afetividade, amorosidade e reconhecimento dos sujeitos no processo. Para nós, à medida que conhecemos tal organização, percebemos o envolvimento dos educandos e educadores³ na construção de uma Educação Popular progressista e libertadora.

No tocante ao desenvolvimento do estudo, traçamos um itinerário substancial para registrar e analisar as práticas de educação na Casa dos Sonhos. Pois, pensar a prática de uma educação comprometida com o presente e futuro da Educação Popular significa dizer que por mais que registremos eventos de um passado recente da Educação Popular, faz-se necessário lançar luzes sobre as práticas da Educação Popular de nossos dias.

A partir da identificação das categorias (*Cuidado, Emancipação, Empoderamento, Autonomia e Libertação*) presentes na comunidade, refletiremos sobre tais expressões, mas, mais do que isso, colocaremos a aplicação dos conceitos à realidade dessa prática educacional.

Por isso estruturamos o nosso texto com as seguintes partes: o capítulo 1, “Caminhos da pesquisa”, consta dos elementos introdutórios da nossa pesquisa. Iniciamos com uma breve menção aos movimentos sociais, a relação desse com a Educação Popular. Com isso contextualizamos e situamos o nosso trabalho no âmbito do tempo e espaço. Descrevemos de que forma nos vinculamos a temática a partir do relato pessoal da trajetória da autora; a problematização do objeto de pesquisa, os objetivos gerais e específicos, referencial teórico e a apresentação dos capítulos com a estrutura do trabalho e seus respectivos conteúdos. Nesse capítulo é apresentada toda a fundamentação teórico-metodológica desenvolvida na pesquisa. Dissertamos também sobre a importância da pesquisa científica para a comunidade acadêmica

³ Usamos “educadores” de modo geral, como forma de facilitar a leitura, assim como “educandos”. Porém quando se trata especificamente das educadoras da Casa dos Sonhos, utilizamos no feminino pelo fato da instituição só ter mulheres na função.

e também do retorno dos resultados para a instituição pesquisada e os conceitos estruturantes deste trabalho: *Cuidado, Empoderamento, Autonomia, Emancipação e Libertação*.

No capítulo 2, “Educação Popular e práticas da leitura”, analisamos o papel do educador na perspectiva da Educação Popular. Ao longo da elaboração deste texto verificamos a obra de Freire, Giroux e Leonardo Boff para expor categorias que são necessárias para uma compreensão adequada de nossa pesquisa.

No capítulo 3, “Da realidade à Casa dos Sonhos: origem e desenvolvimento da Associação”, refletimos sobre o nascimento da Casa dos Sonhos, seu desenvolvimento nas práticas educacionais, sua relação com a vida da comunidade de Santo Amaro e sobre a inserção das religiosas nessas comunidades.

No capítulo 4, “A Casa dos Sonhos: lugar da Educação Popular”, estudamos as relações existentes entre Educação Popular e as práticas da Casa dos Sonhos e, por essa razão, foram analisados os discursos e as práticas das educadoras da Casa dos Sonhos.

Na conclusão do nosso texto, tecemos as considerações finais com algumas problematizações relativas aos rumos da Educação Popular e a validade das atividades da Casa dos Sonhos num cenário marcado pelo desafio e pela necessidade de se estabelecer um projeto educacional novo onde todos fazem parte como protagonistas de sua educação e libertação.

CAPÍTULO 1 - CAMINHOS DA PESQUISA: REFERENCIAL TEÓRICO E PERCURSO METODOLÓGICO

A história da Casa dos Sonhos possui em sua gênese um caráter educativo de organização, conscientização e de percepção das novas demandas sociais. O Brasil é fértil no nascimento de organizações sociais preocupadas com a transformação do próprio país. Nesse sentido, os movimentos sociais proporcionam verdadeiras práticas educacionais instaurando o lugar de novos sujeitos. Segundo Gohn (2011, p. 14) os movimentos sociais representam “forças sociais organizadas que aglutinam as pessoas não como força-tarefa, de ordem numérica, mas campo de atividade e de experimentação, e essas atividades são fontes geradoras de criatividade e inovações socioculturais”.

Compreendemos que os movimentos sociais são a força que resiste à opressão e ao mesmo tempo se reinventam na busca da construção de uma nova política, sociedade e educação. Gohn (2011) indica vários tipos de movimentos sociais que devemos considerar: os *conservadores* que não buscam mudanças sociais; os *nacionalistas* que objetivam impor sua ideologia antidemocrática; os *terroristas* liderados por organizações secretas; e os *progressistas* que estão centrados em ações que favorecem a emancipação e libertação dos sujeitos sociais.

No final dos anos 1980, o fenômeno das organizações não governamentais (ONGs) começa a se estabelecer, mas é na década de 1990 que ganham vigor no cenário brasileiro. Diante de uma conjuntura de negação de direitos, os sujeitos sociais encontram nas ações desenvolvidas pelas ONGs, associações e movimentos sociais, espaço de expressão, luta e garantias de uma maior participação social. Esses movimentos são expressão própria de um tempo carente de instrução, emancipação e libertação.

É neste contexto que os movimentos sociais e demais segmentos (associações comunitárias, a humanização da saúde, educação formal e informal, ONGs etc.) encontram na perspectiva da Educação Popular a referência e a orientação do fazer e do pensar um Projeto Político-Pedagógico (PPP) que promova reflexão, emancipação e transformação social.

A Educação Popular na Paraíba se desenvolve por meio de vários desses movimentos. No entanto, é importante ressaltar que a Arquidiocese da Paraíba assume um papel importante neste processo. No período em que o Arcebispo Dom José Maria Pires esteve à frente da Arquidiocese da Paraíba a perspectiva da Educação Popular era bastante utilizada nas diversas

pastorais da Igreja e nos movimentos eclesiais de base com a finalidade de promover a cidadania buscando novas formas de organização popular.

Ao longo do tempo, as várias organizações e associações começaram um processo de estabelecimento da Educação Popular considerando novas demandas, novos atores e apontando para uma prática sempre renovada. Em 1995, a convite de Dom José, chega à Paraíba um grupo de freiras Dominicanas do Santíssimo Nome de Jesus, vindas da Argentina para auxiliar no trabalho pastoral da arquidiocese, do qual faziam parte Estela Maria Nuñez e Yudith Gomez.

A Educação Popular no decorrer da sua história enfrenta diversos desafios que a impulsiona a se renovar continuamente em seus conceitos, suas demandas e práticas. É neste cenário de “enfrentamentos” das problemáticas sociais que nasce em 2004 a Associação Casa dos Sonhos, na Comunidade de Santo Amaro/Várzea Nova (município de Santa Rita - PB).

A Associação Casa dos Sonhos foi fundada em setembro de 2004 como uma associação civil de natureza filantrópica sem fins lucrativos. A Associação está localizada na Rua Joaquim Gomes de Castro, nº 488, Loteamento Boa Vista (Comunidade Santo Amaro) Várzea Nova, no Município de Santa Rita, estado da Paraíba.

Esta comunidade foi construída em uma área de ocupação irregular onde residem cerca de 200 famílias que enfrentam problemas de moradia, educação, saúde, desemprego, fome, discriminação e que estão à margem da sociedade. A renda principal das famílias vem das atividades de reciclagem.

A Casa dos Sonhos conta com a liderança de duas freiras Dominicanas de origem argentina, Estela Nuñez e Yudih Gomez. Contudo, a Associação não possui finalidade doutrinadora ou religiosa, seu intuito é superar a compreensão assistencialista tão presente em algumas organizações religiosas e/ou sociais. Seu propósito é expandir seu campo de atuação e contribuir para que as pessoas possam descobrir o valor de serem protagonistas de sua própria libertação.

Nosso interesse por estudar e refletir sobre a Casa dos Sonhos surgiu na época de nossa graduação em Biblioteconomia. Na ocasião, percebíamos o valor das práticas de leitura exercidas nesta Associação. Percebemos ao longo de nossa pesquisa em 2011 que a Casa dos Sonhos era uma organização que efetivava a Educação Popular contemplando a novidade e o dinamismo dessa perspectiva educacional.

Em 2011, tivemos a oportunidade de entrevistar diversas educadoras dessa instituição que se colocavam a serviço da comunidade para gerar novas práticas educacionais e contribuir na formação de novos sujeitos. Os relatos feitos pelas freiras, educadoras, mães e adolescentes nos impactavam e fortaleciam o desejo de conhecer ainda mais aquele espaço de inserção do saber popular.

Durante os anos anteriores, fizemos uma série de visitas graças a um trabalho de “contação de histórias” junto à Casa dos Sonhos. O movimento despertava em nós as seguintes perguntas: De que modo a prática de leitura se insere nessa Associação? Como pode ser evidenciada a Educação Popular nessa Associação? Como a leitura, a política, a educação e a libertação se articulavam nas práticas exercidas nessa comunidade?

Tais perguntas nos impactavam positivamente e deu origem ao projeto de mestrado submetido ao longo do final do ano de 2016. Era um novo movimento em nossa vida acadêmica. Momento caracterizado pela possibilidade de aprofundarmos conceitos e relatos existentes em momentos anteriores junto à Casa dos Sonhos. A partir das vivências na instituição construímos o projeto de pesquisa que submetemos ao mestrado. Com a aprovação no mestrado tivemos a oportunidade de aprofundar a pesquisa durante dois anos, que resultou neste trabalho.

1.1. O município de Santa Rita e a Casa dos Sonhos

Mas, o que é a Associação Casa dos Sonhos? A pergunta nos era apresentada por meio de sua inserção junto à comunidade de Santo Amaro. É uma instituição caracterizada como escola não formal que desenvolve atividades de apoio às crianças, jovens e famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social no município de Santa Rita.

A cidade de Santa Rita está situada na região metropolitana de João Pessoa e reflete os problemas presentes em uma parte expressiva dos municípios brasileiros. Conta com uma série de escolas sem o mínimo de estrutura para seu funcionamento⁴. Além desse grave problema que diz respeito à questão da educação, surge a dificuldade da má gestão administrativa municipal que se torna uma constante neste município.

⁴ <http://www.escolas.inf.br/pb/santa-rita>. Santa Rita conta com setenta e cinco escolas estaduais, dezoito municipais e cinquenta particulares. Um número expressivo dessas escolas se encontra nos distritos e zona rural do município.

O problema político acaba por repercutir diretamente no problema socioeducacional. Santa Rita é considerada a segunda cidade mais violenta da Paraíba, visto que há anos a criminalidade, as violências sociais e domésticas são registradas com elevados índices. Santa Rita e o importante distrito de Tibiri estão frequentemente presentes nas páginas de jornais reforçando as estatísticas de homicídio e violência⁵. Segundo os dados do Atlas da Violência/Ipea do ano 2018, a cidade de Santa Rita/PB, encontra-se na vigésima sexta posição das cidades do Brasil com maior taxa de homicídio da lista de 309 cidades com mais de 100 mil habitantes, registrando uma taxa de 75 homicídios por grupo de 100 mil habitantes.

Tabela - Taxa de homicídios nas maiores cidades da Paraíba

Cidades	Taxa de homicídios por 100 mil hab.
Santa Rita	75
João Pessoa	44,9
Campina Grande	36,8
Patos	25,2

Fonte: Atlas da Violência/Ipea e Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2018.

Nesse contexto, está inserida a chegada das Irmãs dominicanas provindas da Argentina, Estela Nuñez e Yudith Gomez, com o propósito de intervir na realidade local por meio de práticas sociais que estabelecessem novos protagonistas na área da educação.

A Casa dos Sonhos desenvolve atividades educativas com crianças, adolescentes e famílias em situação de vulnerabilidade social e extrema pobreza. O objetivo da instituição é buscar, através das atividades socioeducativas com a comunidade, contribuir na formação de novos sujeitos que possam transformar a realidade em que vivem. Além disso, a Casa dos Sonhos fomenta um sentimento de pertencimento e participação na experiência formativa das crianças e dos adolescentes, e seus familiares ajudam nas ações de construção de conhecimentos, integrando às práticas e experiências próprias do contexto que eles pertencem.

O Projeto Político-Pedagógico da instituição tem como finalidade construir um espaço para a formação de cidadãos responsáveis, conscientes, críticos e atuantes na comunidade em que vivem. Tal projeto leva em consideração a realidade do contexto familiar, social e cultural

⁵ https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_pb.pdf. O município de Santa Rita é considerado como o segundo município mais violento da Paraíba. Os dados fornecidos pelo mapa da violência na Paraíba indicam a relação existente entre o cotidiano educacional e os problemas sociais do município.

dos educandos. Por essa razão é tão importante conhecer o cotidiano da comunidade, suas histórias de vida, seus saberes, e tudo aquilo que faz parte de sua identidade cultural.

Na percepção de Idília Fernandes (2002), o cotidiano deveria ser alcançado pela experiência do extraordinário, do pouco frequente. Ponderando que o conceito de cotidiano é filosófico, então a reflexão que lida com o *cotidiano* versa com a possibilidade de um *cotidiano* superado pelo *não-cotidiano*. Em outras palavras, no cotidiano fazemos escolhas que acabam por hierarquizar nossas seleções e perspectivas. Sobre o *cotidiano* convém recordar a concepção de Michel de Certeau⁶ (1994) que valorizava a questão do espaço do *cotidiano* como espaço para a estratégia e tática, significando afirmar que o *cotidiano* é o lugar da subversão epistemológica e da criação de um novo saber.

No cotidiano, verificamos o detalhe que sobressai a própria natureza da cotidianidade da Casa dos Sonhos, uma vez que é impossível a qualquer ofício dar conta de toda a realidade. Desse modo, percebe-se que aquele que analisa o cotidiano não pode refletir sobre tudo.

De acordo com Yamamoto (1997, p. 60), “o cotidiano é o lugar do fragmentário, do microscópio, do efêmero, do imaginário”. O *cotidiano* deve ser visto como o lugar de superação de uma leitura simplista. É no cotidiano que deve ser feita a crítica reflexiva sobre o modo como uma determinada comunidade deve se organizar.

Fernandes (2002) escreve sobre o grupo e suas estruturas no cotidiano e alerta para a necessidade de superar a leitura superficial sobre o cotidiano. Retomando a perspectiva de Agnes Heller na obra de Fernandes (2002), a autora afirma que o cotidiano é responsável por estabelecer o início ou o fim de certas visões do mundo. É nesse sentido, que interpreta a composição de um determinado grupo, associação ou comunidade como necessária para iniciar um processo de modificação do cotidiano.

No cotidiano da instituição Casa dos Sonhos nascem educadoras preocupadas com a participação efetiva da comunidade de Santo Amaro e sua transformação. Todas as educadoras começam sua caminhada com a comunidade, crescem e amadurecem à medida que encaram suas lutas, partilhas, alegrias e esperanças junto àquela instituição.

⁶ De acordo com Michel de Certeau (1994), as táticas e estratégias são expressões retiradas do mundo da guerra e dos conflitos entre nações. O pensador francês possui a noção de que a estratégia prevê o cálculo, o planejamento prévio e acurado para suas conquistas. De outro modo se coloca a tática. Essa por sua vez se caracteriza pelo nascimento de uma ação que se coloca a partir do fracasso ou mau funcionamento das estratégias. Sua aplicação ao mundo da história do cotidiano dispõe da inventividade das pessoas diante das ações que são comuns.

Durante os últimos anos, visitamos e dialogamos com o cotidiano dessa comunidade e dessa instituição com a finalidade de aprofundar a reflexão em torno da temática da *Libertação*, do *Cuidado* e da *Emancipação*. Percebemos que todas as pessoas assistidas por essa instituição amadureciam em seu modo de interpretar o mundo e cresciam sua autoestima. Assim, de fato, a Casa dos Sonhos funcionava como o lugar da redescoberta da esperança, do sonho possível a ser perseguido por cada interlocutor da comunidade de Santo Amaro.

Percebemos, no decorrer do tempo, com as visitas à Casa dos Sonhos, o protagonismo das pessoas envolvidas nas práticas educacionais e a modificação no perfil dos educandos. Vivenciamos vários momentos nos espaços da instituição e isso nos propiciou envolvimento com as causas e ações dessa comunidade educacional.

Nesse contexto, torna-se perceptível a validade das experiências do projeto socioeducativo realizado pela instituição como elemento de uma práxis libertadora que pode ser interpretada à luz da pedagogia freiriana e de outros pensadores da tradição da Educação Popular no Brasil.

Isso reflete que o caminho percorrido justifica a escolha do tema de pesquisa, considerando o quão oportuno se faz refletir sobre a Educação Popular na Casa dos Sonhos. Além das práticas educacionais e das ações sociais, a instituição também atua na área da saúde no Centro de Terapias Santa Catarina de Sena oferecendo as PICS (Práticas Integrativas e Complementares de Saúde) que são recursos terapêuticos reconhecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e que trazem uma abordagem humanizada, integrada com a natureza, que busca promover, por meio de recursos simples, o equilíbrio entre corpo, mente e espírito.

O Centro Santa Catarina de Sena oferece as seguintes terapias: Auriculoterapia, *Somatic Experiencing* (Experiência somática), meditação, yoga, técnicas de respiração, meditação e florais. O acesso a essas terapias pode conduzir a uma mudança de postura e de consciência que reflete diretamente na coletividade, na melhoria das relações interpessoais e na resolução de conflitos. Essas ações têm como objetivo o cuidado integral do ser, cuidando da vida em todas as suas formas e expressões. O *Cuidado* de forma integral do ser humano significa perceber os aspectos emocionais, psicossociais, afetivos que estão em desarmonia no corpo e buscar atitudes que o ajude a voltar ao equilíbrio natural.

Compreendemos a necessidade que existe de aprofundar as novas temáticas da Educação Popular e, ao mesmo tempo, retomar a tradição dessa metodologia e perspectiva educacional por propiciar práticas de educação fundamentadas na tradição da Educação Popular, além de apresentar novas alternativas a essa perspectiva político-pedagógica. Consequentemente, as ações apresentadas conduzem à reflexão sobre os agentes e atores na emergência de uma nova Educação Popular. Dessa forma, delimitamos o recorte temporal de 2004 a 2018, sendo 2004 o ano da fundação da Casa dos Sonhos.

Nessa perspectiva, constituem-se como questões da pesquisa as seguintes perguntas: De que modo as ações de leitura e escrita efetivadas pelo Projeto socioeducativo da Associação Casa dos Sonhos se configuram como práxis da Educação Popular? Quais são os elementos que identificam a Associação como práxis da Educação Popular? E como podemos perceber os conceitos estruturantes (*cuidado, emancipação e libertação*) nas ações da Casa dos Sonhos?

O ser humano está sempre buscando conhecer, compreender e explicar a realidade que vivencia. A pesquisa é uma importante ferramenta que nos ajuda nas resoluções dos problemas cotidianos, tanto nas questões simples, como nas mais complexas, aquelas que vão além da simples observação, que exige critérios, teorias e métodos. Nesse caso, estamos falando da pesquisa científica que se consolida como um conjunto estruturado de conhecimentos e saberes para a compreensão do objeto pesquisado.

Segundo Gatti (2007, p. 10), o conhecimento científico é compreendido como “um conhecimento que obtemos indo além dos fatos, desvendando processos, explicando consistentemente fenômenos segundo algum referencial”.

Dessa maneira, esta pesquisa está situada no âmbito da Educação Popular tendo como conceitos estruturantes *o Cuidado, Empoderamento, Autonomia, Emancipação e a Libertação*. O ponto central da nossa investigação são as ações e práticas do projeto socioeducativo da Associação Casa dos Sonhos, os fundamentos que estão alicerçados tais práticas e se essas configuram como práxis da Educação Popular.

De acordo com Streck (2006), pesquisar é ato de conhecer o que acontece entre sujeitos, um movimento que reflete a vida e gera vida. Por essa razão, analisamos as “vozes” que emergem a partir da realidade social da Comunidade Santo Amaro - Várzea Nova em Santa Rita/ PB. No entanto, convém destacar que nossa postura acadêmica é a de considerar

tais “vozes” a partir de uma escuta crítica e reflexiva. Isso significa afirmar que a informação que emerge do senso comum se submete a um tratamento e, após análise acurada, torna-se um texto pautado na crítica e no caráter científico.

1.2. Perspectiva teórico-metodológica da pesquisa

Escolhemos para fundamentação teórico-metodológica deste trabalho a pesquisa qualitativa, e adotamos como abordagem a pesquisa narrativa.

Segundo Stake (2011, p. 30), “qualitativa significa que seu raciocínio se baseia principalmente na percepção e na compreensão humana”. Portanto, para a pesquisa qualitativa, o pesquisador é “um instrumento ao observar ações e contextos e, com frequência ao desempenhar intencionalmente uma função subjetiva no estudo, utilizando sua experiência pessoal em fazer interpretações”.

Para a concretização de uma pesquisa estruturada e bem elaborada o pesquisador precisa ter em mente quatro características especiais presentes no estudo qualitativo de acordo com Stake (2011, p. 25):

1. É interpretativo: Fixa-se nos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista.
2. É experiencial: é empírico e está direcionado ao campo.
3. É situacional: é direcionado aos objetos e as atividades em contextos únicos.
4. É personalístico: é empático e trabalha para compreender as percepções individuais. Busca a singularidade mais do que a semelhança e honra a diversidade.

Na investigação qualitativa, o pesquisador assume um papel fundamental no processo de construção da pesquisa, por esse motivo se torna imprescindível a sua inserção nos espaços pesquisados com o objetivo de conhecer e compreender a realidade, e, com isso, apreender a significação que os sujeitos possuem diante dos fatos cotidianos, além de todos os contextos relacionados à temática em estudo. Para um melhor entendimento dessa questão, Creswell (2014), nos esclarece que:

Durante todo o processo de pesquisa qualitativa, os pesquisadores mantêm o foco na captação do significado que os participantes atribuem ao problema ou questão, não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou os escritores trazem da literatura. Os significados dos participantes sugerem muitas outras perspectivas sobre um tópico e visões diferentes. É por isso que um

tema desenvolvido em um relatório qualitativo deve refletir múltiplas perspectivas dos participantes do estudo. (p. 51).

Podemos perceber que o pesquisador que opta pela pesquisa qualitativa possui acesso a várias abordagens (etnográfica, narrativa, teoria fundamentada, fenomenologia, estudo de caso, entre outras.) que irá ajudá-lo nos processos e análises de dados. Podendo ser utilizadas uma ou mais abordagens de acordo com o objeto pesquisado.

Yin (2016) aponta cinco características relacionadas à pesquisa qualitativa:

1. Estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real; 2. Representar as opiniões e perspectivas das pessoas participantes do estudo; 3. Abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem; 4. Contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e 5. Esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidências em vez de se basear em uma única fonte. (p. 7).

Esta pesquisa qualitativa também é caracterizada como descritiva, pois todos os dados coletados podem dar uma melhor compreensão do objeto de estudo analisado. Conforme afirma Yin (2016, p. 7-8), é importante ressaltar que a pesquisa qualitativa não é um simples relato de uma experiência cronológica do cotidiano, pelo contrário “A pesquisa qualitativa é guiada por um desejo de explicar esses acontecimentos, por meio de conceitos existentes ou emergentes (...). Desta forma pode ser uma ocasião para desenvolver novos conceitos”.

Portanto, temos na pesquisa qualitativa a possibilidade de utilizar uma diversidade de temas e conceitos, além da disposição de técnicas e instrumentos de coleta de dados que auxiliam no aprofundamento do estudo resultando em um modo produtivo de realizar investigações científicas.

Adotamos a pesquisa narrativa por entender que ela responde e se adapta aos objetivos da pesquisa. A abordagem narrativa busca compreender e analisar a amplitude dos dados presentes na história de vida de um indivíduo ou grupo, acontecimentos e eventos em um determinado tempo e lugar.

Bolivar (2002, p. 4 apud RABELO, 2011, p. 172) entende-a como:

A qualidade estruturada de experiências percebidas e vistas como um relato, captando a riqueza e os detalhes dos significados nos assuntos humanos, tendo como base as evidências do mundo na vida. Reconstrói-se a experiência refletindo sobre o vivido e dando significado ao sucedido.

Para Sampieri, Collado e Lucio (2013), a perspectiva narrativa fornece uma:

Estrutura para entender o indivíduo ou grupo e escrever a narrativa (contextualizamos a época e o lugar onde a pessoa ou o grupo viveu ou, ainda onde as experiências e os eventos ocorreram). Os textos ou narrações orais também fornecem dados “brutos” para que sejam analisados pelo pesquisador e recontados no relatório da pesquisa. (p. 511).

A partir de alguns estudos e levantamentos bibliográficos, Creswell (2014) elenca um conjunto de características específicas na investigação narrativa:

Pesquisadores Narrativos coletam histórias de indivíduos (além de documentos e conversas coletivas) sobre as experiências vividas por eles. Histórias narrativas falam de *experiências* individuais e podem lançar luz sobre as *identidades* dos indivíduos e as imagens que eles têm de si mesmo. - Histórias narrativas são reunidas a partir de variadas *formas de coleta de dados*. Histórias narrativas frequentemente são ouvidas e classificadas pelos pesquisadores dentro de uma *cronologia*, embora possam não ser contadas dessa forma pelo (os) participante (s). - Histórias narrativas são *analisadas* de forma variadas. Muitas vezes, histórias narrativas (...) contêm tensões específicas ou interrupções que são destacadas pelos pesquisadores no relato. Histórias narrativas estão inseridas em *lugares* ou *situações* específicas. (p. 69, grifo do autor).

Jerome Bruner foi um dos relevantes pensadores da temática das narrativas, contribuindo para a compreensão e o surgimento da investigação narrativa. Segundo Rabello (2011) Bruner apresenta como a realidade é construída pela narrativa, mediando a própria experiência e configurando a construção social da realidade, o que também inclui a subjetividade que está sempre relacionada com o discurso.

Uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores. (...) nós viemos inicialmente equipados, se não com uma *teoria* da mente, certamente com um conjunto de predisposições para interpretar o mundo social de uma forma particular e para agir sobre as nossas interpretações. (BRUNER, 2002, p. 46 apud RABELO, 2011, p. 46-47, grifo do autor).

Lyotard (1989 apud RABELO, 2011) também descreve a narração como a forma por excelência do saber das classes populares, da cultura de um povo. Para tanto, o investigador narrativo terá que lidar com os significados que os entrevistados têm de si mesmo, dos contextos que estão inseridos, dos vínculos sociais e, sobretudo, levando em consideração à cultura as quais pertencem. Compreendemos, então, que tais elementos nos propiciam uma análise histórica e interpretativa das narrativas gerando por parte do pesquisador segurança e confiabilidade nos dados obtidos.

Creswell (2010, p. 80 apud SAMPIERE; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 509) afirma que: “O desenho narrativo muitas vezes é um esquema de pesquisa, mas também uma

intervenção, pois ao contar uma história ajuda a pensar em questões que não eram claras ou conscientes”.

Quanto aos procedimentos metodológicos, no nosso trabalho temos a narrativa como um arcabouço capaz de captar, estruturar e organizar todos os elementos produzidos, para posteriormente verificar as categorias presentes nas narrativas e, assim, decifrar os significados e interpretar as comunicações.

Na pesquisa qualitativa a escolha correta dos procedimentos para a produção de dados é um passo bastante significativo para a obtenção de resultados satisfatórios na estruturação da pesquisa. Após identificação da abordagem narrativa, utilizamos como procedimentos para coleta de dados: a observação, entrevistas semiestruturadas, materiais audiovisuais e documentos.

Na produção dos dados, a observação é uma fonte importante para percepção do propósito em estudo. Creswell (2010, p. 214) define observações qualitativas como sendo:

Aquelas em que o observador faz anotações de campo sobre o comportamento e as atividades dos indivíduos no local da pesquisa. Os observadores qualitativos também podem se envolver em papéis que variam desde um não participante até um completo participante.

Nesse sentido, utilizamos a observação na nossa pesquisa procurando manter um olhar atento à dinâmica das ações realizadas pela Casa dos Sonhos e anotamos no diário de campo todas as percepções do ambiente. Percebemos que a participação ativa nas atividades cotidianas da instituição favorece o pesquisador vivenciar e ao mesmo tempo verificar o que foi observado. Gray (2012, p. 299) afirma que a “entrevista bem conduzida é uma ferramenta poderosa para evocar dados ricos sobre visões, atitudes e sentidos que embasam as vidas e os comportamentos das pessoas”.

A entrevista semiestruturadas possui uma série de perguntas abertas e fechadas, o diálogo acontece de maneira leve, sendo comparado a um diálogo. As questões foram pertinentes ao objeto de estudo. De acordo com Gray (2012, p. 299, grifo do autor), “este tipo de entrevista permite ao pesquisador *aprofundar* em busca de respostas mais detalhadas em que o respondente deva esclarecer o que disse”.

Ao longo da pesquisa entrevistamos as duas fundadoras e duas educadoras da instituição. Foram acordados com a instituição que não serão revelados os nomes das

entrevistadas, exceto das fundadoras, os outros serão mantidos em absoluto sigilo e denominados como entrevistada⁷ 1, 2, e sucessivamente.

O critério adotado para a escolha dos sujeitos da pesquisa foi o nível de representatividade e maior tempo de atuação na instituição, o envolvimento nas ações e participação ativa das atividades desenvolvidas pela Casa dos Sonhos.

Definimos como materiais documentais todos os textos produzidos pela instituição e as anotações no nosso diário de campo, tais como os relatórios, planejamentos, reuniões, notas em jornais, material de arquivos, entre outros. Quanto aos materiais audiovisuais temos as fotos, vídeos, site institucional, redes sociais (Facebook, Instagram, canal no Youtube), reportagens de televisão etc. Utilizamos o recurso informacional da fotografia, não apenas no sentido de ilustrar, mas de retratar o momento vivido e seu valor histórico para a instituição.

Segundo Le Goff (2003, p. 460) “(...) a fotografia revoluciona a memória, multiplicando-a e democratizando-a, dando uma precisão e uma verdade que permitem guardar a memória do tempo e da evolução da sociedade”.

De acordo com Bacellar (2011) devemos considerar que todo material documental deve ser inserido em seu contexto no qual foi coletado, e acrescenta:

(...) já dissemos que é preciso conhecer a fundo, ou pelo menos da melhor maneira possível, a história daquela peça documental que se tem em mãos. Sob quais condições aquele documento foi redigido? Com que propósito? Por quem? Essas perguntas são básicas e primárias na pesquisa documental, mas surpreende que muitos ainda deixem de lado tais preocupações. Contextualizar o documento que se coleta é fundamental. (BACELLAR, 2011, p. 63)

Creswell (2010, p. 102) define a análise e interpretação de dados como sendo um “processo permanente envolvendo reflexão contínua sobre os dados, formulando questões analíticas e escrevendo anotações durante todo o estudo”. Ao extrair as informações dos procedimentos de coleta (observações, entrevistas, documentos e materiais audiovisuais), selecionamos e codificamos os dados utilizando tabelas, quadros representativos, com o objetivo de organizar os elementos encontrados em subcategorias e, logo após em categorias para que se tenha um panorama geral dos resultados obtidos para entender e interpretar.

⁷ No feminino, por se tratarem apenas de mulheres entrevistadas.

Assim, a análise dos conteúdos relatados pelas entrevistadas seguiu de forma cautelosa e cuidadosa de acordo com as orientações éticas, teóricas e metodológicas propostas pela abordagem da narrativa.

1.3. Os conceitos estruturantes e sua articulação com a pesquisa

Neste estudo definimos alguns conceitos estruturantes que foram perceptíveis ao longo da nossa pesquisa. Os conceitos são: *Cuidado*, *Empoderamento*, *Autonomia*, *Emancipação* e *Libertação*.

A Casa dos Sonhos no decorrer dos seus 15 anos de existência, tem se apresentado como espaço para práticas emancipatórias, libertadoras e progressistas. Nessa trajetória podemos visualizar os frutos das primeiras sementes lançadas no início do projeto, quando membros da Comunidade se tornam os protagonistas dessas ações como autênticos educadores da Comunidade. A perspectiva educacional apresentada pela Casa dos Sonhos à Comunidade de Santo Amaro propicia um sentimento de pertença a essa instituição e ao lugar onde as pessoas residem.

Percebemos que a experiência do *Cuidado* tem sido alvo de estudo em diversas áreas do conhecimento nas últimas décadas. Saber cuidar, nos recorda Leonardo Boff (2014), é parte constitutiva do ser humano. A vocação do ser humano é cuidar. Surpreendentemente, nos recorda o teólogo, a civilização atual é a civilização da ausência de cuidado. Cuidar requer tempo, acompanhamento, progressão e perseverança. O *Cuidado* inaugura uma série de práticas dispostas a estabelecer uma sociedade marcada pela abertura à convivência. Boff (2014) apregoa a necessidade da criação de um *ethos* a partir da experiência do *Cuidado*. Uma ética que nasce de uma nova ótica. O olhar que se demora, que exprime compaixão, solidariedade, afeto e ternura se tornam expressão desse cuidado. O *Cuidado* lida com a alteridade. Assim, podemos perceber a existência de um paradigma dialógico em nossa pesquisa.

Leonardo Boff (2014), ao tratar do tema, escreveu:

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (...) O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O

modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, definha, perde sentido e morre. (p. 38).

Nessa linha de pensamento, o educador que concebe a sua prática pautada na perspectiva do *Cuidado* tem como foco principal suscitar nos educandos a dimensão ética do respeito à vida, da cooperação e preservação da natureza. A atitude do cuidado cria um espaço para o diálogo entre educador e educando, emergindo uma relação de amorosidade com a realidade, com o diferente, ativa a inteligência, a liberdade e a criatividade.

Temos no cuidado o sentimento de segurança e proteção à vida, a certeza de uma prática pedagógica voltada para os valores sociais, despertando e estimulando o educando para a verdade, justiça, dignidade e solidariedade. É nesse solo que as ideias de Paulo Freire ganham vida, uma educação autêntica como percurso necessário para a justiça e a paz. Assim, Freire (2010, p. 16) propõe que “uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade, à própria autonomia do educando”. Nesse contexto não tem lugar para violência, mas, para a construção de uma cultura de paz, propósito primordial da Casa dos Sonhos.

A *Emancipação* é interpretada na obra de Paulo Freire como uma perspectiva política própria da *práxis*, na luta por melhores condições de vida dos sujeitos e comunidades. Para Giddens (1991, p. 155), é preciso “reconhecer que a política emancipatória tem que estar vinculada à política da vida, ou uma política de auto-realização”.

Freire dialoga certamente com a tradição marxista, mas aprofunda a questão no que diz respeito ao indivíduo. Há sempre em sua obra a ênfase na necessidade do diálogo, mas também na existência de sujeito (indivíduo). A Educação em sua perspectiva não é um sistema de massificação, mas de acompanhamento de pessoas em vista de sua autopromoção, portanto “ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 110).

Dessa forma, podemos dizer que uma educação para a emancipação é um processo de *Autonomia* e *Empoderamento* como possibilidades de intervir na realidade, promovendo ações voltadas ao desenvolvimento do ser humano, ressignificando o conhecimento e se apropriando de entendimentos dialéticos da história.

Portanto, compreendemos que a emancipação também é um processo de libertação que se amplia para o contexto social, no qual os sujeitos vão constituindo formas de ser e estar no

mundo. Na obra *Pedagogia da Esperança* (1997), Freire afirma que a luta de classes não é *o motor* da história, mas *um dos* motores. Desde seus primeiros escritos, o autor pernambucano também refletia sobre a necessidade de aprofundar as questões em torno do sujeito e não apenas da consciência de classe.

O termo *Empoderamento* foi utilizado pela primeira vez por Paulo Freire e Ira Shor no livro *Medo e ousadia* (2008). O termo indica que as pessoas é que descobrem suas potencialidades. Não se trata de concessão de poder a alguém por parte de outrem, mas de realmente contribuir para que cada indivíduo desperte o poder que possui. *Empoderamento* é um ato não apenas individual, mas um ato social e político, pois o ser humano é um ser político que constitui ao longo de toda a sua vida uma série de teias de relações. Na concepção de Freire (2008), à medida que as pessoas vão se conscientizando, vão se tornando livres e promovendo a libertação. Percebemos que esses temas estão articulados e fazem parte do cotidiano das práticas da Educação Popular da Casa dos Sonhos.

O *Empoderamento* não pode ser confundido como expressão do isolamento, mas de uma vida autenticamente articulada com outras pessoas. Por isso, concordamos com Baquero (2005), quando afirma que:

O empoderamento como processo e resultado, pode ser concebido como emergindo de um processo de ação social, no qual indivíduos tomam posse de suas próprias vidas pela interação com outros indivíduos, gerando pensamento crítico em relação à realidade, favorecendo a construção da capacidade pessoal e social e possibilitando a transformação de relações sociais de poder. (p. 76).

O *Empoderamento* conduz à *Autonomia* e essa, por sua vez, se estabelece como oposta a qualquer expressão de subordinação. De acordo com Vasconcellos e Brito (2006), Paulo Freire vê a autonomia enquanto um processo gradativo de amadurecimento que ocorre em toda a vida, propiciando ao indivíduo a capacidade de decidir e, ao mesmo tempo, de arcar com as consequências da decisão, assumindo, portanto, responsabilidades.

Em *Pedagogia do Oprimido* (2014), Freire se refere à libertação enquanto tarefa humanista e histórica, exercida tanto pelos oprimidos quanto pelos opressores. No entanto, os oprimidos temem os opressores, e no movimento de superação dessa condição fica um vazio que deve ser preenchido pela *Autonomia*. Por esse razão que a libertação é um exercício diário da responsabilidade de se manterem livres. Para Freire (2014) a liberdade é própria do sujeito,

é universal ao passo que a libertação é conquistada no cotidiano, através da Educação a liberdade pode ser exercida.

Em muitos textos, Freire se utiliza do termo *Autonomia* para evocar um posicionamento político que contrapõe à dependência. A *Autonomia*, como nos recorda o próprio Freire (2000), é experiência de liberdade.

Outro conceito estruturante é *Libertação*. *Libertação* e *liberdade* fazem parte do universo de uma mesma discussão. Tanto a experiência do *Cuidado* quanto a *Emancipação* dialogam diretamente com esse conceito estruturante. A *Libertação* na perspectiva freiriana aponta a crueldade dos opressores e dos sistemas que esmagam os oprimidos (FREIRE, 1970). Pois a *Libertação* implica num conhecimento do mundo de forma gnosiológica, onde reflexão e teorização servem à mudança de estruturas.

O conceito *Libertação* fora aprofundado a partir de perspectivas filosóficas e teológicas na América Latina e terminou por contribuir nas reflexões em torno da Educação Popular. Na perspectiva de Enrique Dussel (1977), por exemplo, a *Libertação* deve ser vista como ação que se opõe ao sistema dominante e suas expressões culturais. Dussel (1977) se tornou um dos maiores filósofos latino-americanos por criticar as filosofias europeias e seu impacto na antropologia e conseqüentemente na própria visão educacional. O filósofo alerta para os perigos que estão presentes nos modelos educacionais uma vez que esses estão situados num contexto de reprodução de visões de mundo que se estabelecem como imperialistas.

Para Dussel (1977), a pedagogia freiriana é responsável por conferir ao termo *Libertação* um novo significado. Ambos os autores acreditam que a Educação Popular possui como protagonistas sujeitos das mais diversas esferas e expressões. Bem distinta será a perspectiva “libertária” onde se atribui a um determinado grupo, pessoa ou movimento o caráter de uma intervenção.

Para Freire (2013), *Libertação* é ação própria daqueles que rompem com o sistema de opressão. Ninguém intervém no lugar do outro para que a libertação ocorra somente os sujeitos é que podem trilhar esse caminho libertário, *pascal*⁸ (expressão freiriana acerca da libertação) e novo.

⁸ Paulo Freire ao longo do desenvolvimento de sua obra transparece a aprendizagem que tivera no âmbito cristão. A expressão páscoa utilizada por Freire na obra “Os cristãos e a libertação dos oprimidos” ganha um

A Casa dos Sonhos conta com a presença de várias educadoras que se propõem a transformar a realidade na qual estão inscritos outros sujeitos do campo educacional. Pode-se constatar que a Casa dos Sonhos desenvolve uma série de ações integradas pelo desejo de desenvolver com as pessoas e com a comunidade local uma autêntica formação política e cidadã e ao mesmo tempo uma prática que explicita mudanças substanciais nas subjetividades.

sentido aplicado à prática educacional e à questão da política e economia no país. De acordo com o autor, páscoa não se restringe à concepção meramente religiosa, mas ganha o sentido de que é preciso transformar a situação de morte em vida, de opressão em libertação.

CAPÍTULO 2 - EDUCAÇÃO POPULAR E PRÁTICAS DE LEITURA

Partimos da premissa que a Educação Popular no Brasil ao longo da sua existência dialoga diretamente com as transformações que ocorrem em cada momento histórico, construindo e reconstruindo seus conceitos sem perder sua essência teórica e metodológica. A partir dessa dinâmica, a Educação Popular pode inserir em suas concepções novos cenários e novos protagonistas, na tentativa de atender um maior número possível de categorias presentes na realidade social. Segundo Streck (2012), a Educação Popular nos oferece elementos para que possamos construir uma pedagogia indígena, negra, feminista, sem-terra, sem-teto etc. Ela não se deixa enquadrar nos esquemas teóricos clássicos, porque é uma teoria em constante movimento.

No início do século XX a preocupação com o ensino estava voltada para fins eleitoreiros, só tinha direito ao voto quem era alfabetizado, por essa razão houve uma difusão das escolas primárias, bem como a organização de programas, campanhas e movimentos de alfabetização de adultos. Nesse contexto surgem em determinados períodos históricos pensadores preocupados com a qualidade e eficiência do ensino, os quais Paiva (1983, p. 87) denomina de “Realistas em Educação” e distingue em quatro grupos: primeiro, os profissionais da Educação do movimento reformista, surgidos na década de 20, tendo Anísio Teixeira como principal representante; segundo, os defensores de posições educativas ligadas às esquerdas marxistas, surgidos nos anos 30, cujo nome mais destacado é Paschoal Lemme; terceiro, os esquerdistas não marxistas surgidos na década de 50 no intercâmbio ideológico entre cristãos e marxistas, cujo principal teórico é Paulo Freire; e quarto, os tecnocratas da Educação, surgidos na década de 60, buscando ajustar a oferta de educação à demanda de mão de obra qualificada.

A situação da Educação brasileira só veio a contemplar as camadas populares a partir do processo de industrialização tardia, ocasionado no pós Primeira Guerra Mundial, de acordo com Paiva (1983). Em 1960, o termo “Educação Popular” assume um significado ligado à participação política das massas a partir da conscientização, passando a ser identificada como “uma educação do povo, pelo povo e para o povo.” (SAVIANI, 2013, p. 317).

Em meio aos golpes e contra golpes, houve uma intensa mobilização no Brasil e na América Latina contra as ditaduras que ocorreram entre 1960 e 1980, nos processos de redemocratização das sociedades latino-americanas. A Ação Católica desenvolveu uma

importante relação entre a Educação Popular e a escola. Segundo Scott Manwaring (2004), a Igreja católica contribuiu para a Educação Popular pela relação que essa possui com o povo. Essa relação se aprofundava através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e de outras pastorais e movimentos que tinham práticas emancipatórias e fundamentavam suas ações nos sentimentos de união, pertença e solidariedade. Pela iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) foi criado o Movimento de Educação de Base (MEB) com objetivo de desenvolver uma educação de base através das escolas radiofônicas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. O MEB buscou a interface entre Educação de Base e Educação Popular através da animação popular realizada por meio do rádio, de caravanas populares de cultura, das publicações diversas, das manifestações de arte e da cultura do povo.

Dentre os movimentos voltados para a alfabetização e promoção da cultura popular no Nordeste brasileiro, podemos citar como os mais expressivos, segundo Fávero e Junior (1992), os seguintes: Movimento de Cultura Popular - MCP (Recife - maio de 1960); Campanha “De pé no chão também se aprende a ler” (Natal - fevereiro de 1961); Movimento de Educação de Base - MEB (março de 1961); Campanha de Educação Popular da Paraíba - CEPLAR (João Pessoa - janeiro 1962); Experiência de Alfabetização de Adultos pelo Sistema Paulo Freire, em Angicos, no Rio Grande do Norte (janeiro de 1963).

De acordo com Paiva (2003), em relação à educação oferecida pelo Estado, com o intuito de retomar um programa de alfabetização e educação de adultos, foi criada em 1967 a Fundação Mobral como organismo financiador de programas descentralizados, devendo funcionar em estreita conexão com o Departamento Nacional de Educação (DNE). Nesse período várias iniciativas foram lançadas, como a Cruzada ABC, o Plano Nacional de Educação.

Gadotti (2012, p. 14) afirma que:

A educação popular como uma concepção geral da educação, via de regra, se opôs à educação de adultos impulsionada pelo Estado, e tem ocupado os espaços que a educação de adultos oficial não levou muito a sério. Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a também, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário.

A Educação Popular nasceu no Brasil com a preocupação inicial de resolver o problema da leitura e popularizar os processos de alfabetização. As associações e movimentos

sociais conseguiram dar um passo mais significativo em relação à leitura: a passagem da decifração de códigos para a interpretação da realidade. Segundo Gonh (2015), os postulados freirianos tiveram um papel fundamental na atividade educativa gerada pelas atividades político-organizativas nos anos 70 e parte dos anos 80, principalmente no tema relacionado à conscientização que é definido como um processo construído por momentos espontâneos e ingênuos, que ocorre quando a pessoa se aproxima da realidade, para uma tomada de consciência. Sabemos que a conscientização não opera em um vazio, não é um processo individual, mas ocorre por etapas, em processos de interação do indivíduo em coletivos organizados; ela é um ato político.

2.1. Contribuições da Educação Popular à história das práticas pedagógicas brasileiras

Freire propõe que a Educação Popular necessitava realizar um deslocamento: das práticas educacionais *para* o povo para as práticas *com* o povo. A *Pedagogia do Oprimido* publicada em 1968 constitui importante obra que nos ajuda a compreender as bases de uma Educação Popular na qual os protagonistas antes “negligenciados” na escrita oficial da história passam a ser percebidos e considerados. Brandão (2002) nos recorda que a Educação Popular não pode ser confundida com uma ação *para* as camadas populares, mas *com* o povo e reconhecendo o papel do educador nessas ações. O educador possui certamente um conhecimento mais técnico sobre determinados assuntos e isso não pode ser ignorado. Contudo, para Brandão (2002), a postura do educador nessa perspectiva é a de assessorar também o conhecimento propiciando a sistematização do saber popular.

Wanderley (2010) compreende que na América Latina tem diversas orientações sobre Educação Popular, e discorre três concepções:

Educação popular, com orientação de integração (educação para todos, extensão da cidadania, eliminar a marginalidade social, superar o subdesenvolvimento etc.); b) educação popular, com orientação nacionalista (dinamizada no período dos governos populistas, buscava mobilizar setores das classes populares para o nacionalismo desenvolvimentismo, homogeneizando os interesses divergentes na consecução de projetos de desenvolvimento capitalista, pretendido como autônomo, nacional e popular); c) educação popular, com orientação de liberação (buscando fortalecer as potencialidades do povo, valorizar a cultura popular, a conscientização, participação, que seriam concretizadas a partir de uma troca

de saberes entre agentes e membros das classes populares, e realizar reformas estruturais na ordem capitalista). (WANDERLEY, 2010, p.21)

Segundo Gonh (2013), o paradigma predominante da Educação Popular brasileira nos anos 70 e 80 foi um conjunto de ideias políticas, filosóficas e pedagógicas que nasceram juntamente com os Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular no final dos anos 1950 e início de 1960 e cresceram no interior da resistência popular dos anos 70 e 80.

Brandão (1983) não se preocupa em conceituar a Educação Popular, mas em apresentá-la como uma prática educativa política que surge das camadas populares, e ressalta que a Educação Popular é, hoje, a possibilidade da prática regida pela diferença, desde que a sua razão tenha a mesma direção, isto é, o fortalecimento do poder popular através da construção de um saber de classe. O autor também apresenta três tendências sucessivas de caráter político da Educação Popular, são elas:

- 1) a educação popular é em si mesma, um movimento de trabalho pedagógico que se dirige ao povo como instrumento de conscientização etc.;
- 2) a educação popular realiza-se como um trabalho pedagógico de convergência entre educadores e movimentos populares, detendo estes últimos a razão da prática e, os primeiros, uma prática de serviço, sem sentido em si mesma;
- 3) a educação popular é aquela que o próprio povo realiza, quando pensa seu trabalho político – em qualquer nível ou modo em que ele seja realizado, de um grupo de mulheres a uma frente de luta – e constrói seu próprio conhecimento (BRANDÃO, 1983, p. 53).

Streck (2014) afirma que a Educação Popular deve priorizar novos atores e cenários. Para Calado (2016 apud SILVA, 2016) a Educação Popular é continuamente desafiada a se reinventar e que a mudança e as transformações fazem parte dessa perspectiva educacional.

Na década de 1990, com a implantação das políticas neoliberais, podemos constatar o desmantelamento das mobilizações sociais. “Com os movimentos sociais enfraquecidos, a Educação Popular vive consequências no interior de sua prática cotidiana” (PEREIRA, 2010, p. 81).

Com a eleição de Lula para presidente da República em 2003, é retomado o debate sobre Educação Popular e Estado: Educação Popular como política pública. A experiência mais fortemente ilustrativa de períodos anteriores, da relação “política pública e Educação Popular” foi a gestão de Paulo Freire como Secretário de Educação da cidade de São Paulo, no governo de Luíza Erundina, em 1989 (RECID, 2009). Outro fato bastante significativo desse momento político foi a Criação do setor de Mobilização Social, que favoreceu a articulação da Rede de Educação Cidadã (RECID) ligada inicialmente ao Programa Fome

Zero (RECID, 2009). A RECID é uma articulação de diversos atores sociais, entidades e movimentos populares do Brasil que assumem solidariamente a missão de realizar um processo sistemático de sensibilização, mobilização e Educação Popular da população brasileira e, principalmente, de grupos vulneráveis econômica e socialmente (indígenas, negros, jovens, LGBTQI+, mulheres etc.), promovendo o diálogo e a participação ativa na superação da miséria, afirmando um Projeto Popular, democrático e soberano de Nação.

Atualmente o RECID desenvolve ações coordenadas por coletivos estaduais, macrorregionais e nacionais, que buscam envolver em um processo de educação cidadã, os movimentos sociais e populares, pastorais populares das igrejas e outras denominações religiosas, organizações não governamentais, movimento sindical e instituições da sociedade em iniciativas de organização comunitária para a conquista dos direitos a caminho da construção de um Projeto Popular para o Brasil (RECID, 2009).

Pensar a Educação Popular na contemporaneidade é um grande desafio, mediante a crise conjuntural nas esferas política e econômica do país, das dificuldades que o sistema educacional enfrenta, das questões e demandas sociais emergentes que não existiam nas origens desse paradigma. Assim, a Educação Popular revela em seu discurso atual, segundo Silva (2016, p. 60), que:

(...) as “lutas” sociais requerem o reconhecimento das novas demandas emergentes (gênero, etnia, racismo, homofobia, meio ambiente, trabalho etc.), como parte de sua opção ética e política em favor de mudanças qualitativas para tais empenhos, e consequentemente, para uma sociedade melhor.

Sabemos que as práxis de Educação Popular atuais buscam se apoiar na tradição presente em nosso país e na América Latina que teve como marco a *Pedagogia do Oprimido* e ao mesmo tempo lançar alternativas para atualizar tal perspectiva. “Este debate denominado *refundamentação* da Educação Popular buscou redefinir o papel, suas tarefas, sua concepção metodológica e criar novos instrumentos para sua intervenção” (PONTUAL, 2005, p. 96, grifo do autor).

A *refundamentação* da qual expomos acima deve considerar como ponto de partida a trajetória histórica construída ao longo do século XX e XXI na América latina (SILVA, 2016). A Educação Popular é uma educação libertadora que demarca uma posição política e ao mesmo tempo uma perspectiva metodológica. Por essa razão, é conveniente destacar os escritos de Paulo Freire como teórico que reflete sobre as novas práxis educacionais. Para

Freire (2014, p. 32), as práxis de Educação Popular devem ter como protagonistas uma amplitude de sujeitos. Todos os envolvidos no processo educacional são responsáveis pela práxis educacional libertadora. O pensador pernambucano apresentava em suas obras que “ninguém educa ninguém”, mas os homens são educados e libertos em comunhão mediados pelo mundo e pela experiência cotidiana.

Freire compreende que existe uma falta de humanização nos processos relativos às relações sociais, econômica e educacional e essa desumanização é histórica. Mediante esse contexto, o autor propõe planos inovadores em educação, na perspectiva de construir projetos que problematizem e que apontem alternativas comprometidas com a libertação, humanização e emancipação social. A partir dessas questões é que Freire “constrói uma práxis revolucionária que contém a educação como elemento fundamental” (GROPPO e COUTINHO, 2013, p. 23). A esse respeito, torna-se relevante considerar que:

A história de vida de cada sujeito é que contextualizará as atividades pedagógicas, sejam elas formais ou não formais, das atividades intervencionistas com base na Educação Popular. O papel do mediador ou do educador será o de dar força e jeito para que esses grupos populares transformem de fato o dia de amanhã. Compreender que as necessidades poderão ser satisfeitas à medida que o grupo se tornar mais coeso, mais solidário e mais reflexivo soa caminhos possíveis onde esses indivíduos começam a dimensionar suas próprias potencialidades e limites. (AMANCIO, 2004, p.1)

Entendemos que uma práxis educativa compõe ações com movimento ativo de despertar o real valor que cada ser humano possui e que precisa ser apenas trabalhado com amorosidade, afeto e cuidado. Quando essas atividades são realizadas coletivamente geram uma força transformadora que provoca mudanças libertadoras no pensar e no agir individual e coletivo.

2.2. O educador e a importância da leitura

A leitura faz parte do cotidiano dos educadores e se constitui um instrumental relevante para aproximar as pessoas ao longo das práticas pedagógicas. Com a leitura, o educador aprofunda seus conhecimentos e amplia suas possibilidades tanto no exercício de seu ofício quanto em sua própria existência. Mas, o que é a leitura? De acordo com Kleiman (2013, p. 16-17):

Ler é uma prática social que se interliga a outros textos e outras leituras, ou seja, a leitura de um texto pressupõe em ações conjuntas de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que as pessoas estão inseridas. A leitura não é apenas o entendimento de um leitor inserido na cultura letrada, mas uma relação de aspectos sociais e culturais que perpassam pela atividade intelectual em que o leitor utiliza diversas estratégias baseadas em seu conhecimento linguístico, sociocultural e enciclopédico.

Soares (2005, p. 18) afirma que a leitura não é um ato solitário em que o indivíduo permanece ausente do mundo. Na prática, a leitura é um “processo de natureza social, não individual, vinculado às condições de comunicação que, por sua vez, vinculam-se às estruturas sociais – o social determinando a leitura e construindo seu significado”.

Entendemos que a leitura possui o papel de formar e construir um pensamento crítico, é através do ato de ler que o leitor tem possibilidades de interagir no seu contexto e aproveitar dos diferentes sentidos e significados que os livros o oferecem.

Podemos verificar que desde a década de 1970 as abordagens teóricas voltadas para o estudo da leitura estão fundamentadas em pelo menos três concepções que influenciaram o ensino da língua. Para melhor compreensão de cada uma dessas abordagens que envolvem a prática de leitura, Duran (2009) organizou da seguinte forma:

- 1). **Concepção Bottom-up** (possui foco no sistema linguístico – texto): considera a decodificação do texto como processo do ato de ler, no qual a partir da decodificação de palavras o leitor compreende o texto, isto é, entende o seu sentido. Nessa perspectiva, o texto oferece seu próprio sentido; essa concepção de leitura também é denominada **modelo ascendente de leitura**.
- 2) **Concepção Top-down** (centrada nas teorias cognitivas de base psicolinguística): contrapõe-se a concepção anterior. Neste caso o leitor constrói o sentido do texto a partir da leitura e segundo uma bagagem cognitiva já adquirida sendo também denominada de **modelo descendente de leitura**.
- 3) **Concepção interacionista** (interação leitor e texto): nesta concepção há o hibridismo das concepções anteriores, isto é, o processo de leitura, denominada de **modelos interacionais de leitura**.

(...) não apenas enfatize o papel do leitor ou do texto, mas que aceite que o produto da relação entre leitor e texto é o sentido da leitura. Isso quer dizer que a interação entre texto e leitor ocorre de maneira a se retomarem ora a perspectiva do leitor, ora a do texto, conforme a necessidade para cada situação de leitura. (DURAN, 2009, p. 4)

Para os educandos construírem um texto a partir da leitura do seu contexto em um primeiro momento parece difícil, mas ao exercitar olhar ao seu redor e descrever os objetos e situações dando-lhes sentido e significado o processo de leitura e escrita flui, proporcionando a construção do conhecimento a partir da leitura e da leitura do seu próprio mundo, a exemplo Freire (1989) nos escreve que:

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe -, o quintal amplo em que se achava tudo, isso foi meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele texto – em cuja percepção experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber-se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais. (p. 9).

A Associação Casa dos Sonhos possui a preocupação de articular a leitura dos livros com a leitura do mundo e do cotidiano. Para a Associação, o livro é a ferramenta valiosa capaz de unir as pessoas proporcionando momentos lúdicos, terapêuticos e animadores da caminhada das pessoas envolvidas nas ações da instituição. Em seu projeto pedagógico, educadoras e educandos se uniram com o propósito de efetivar essa tarefa construindo saberes e modificando a vida das pessoas da Comunidade de Santo Amaro.

Por essa razão percebemos a pertinência de lidarmos com a existência de uma equipe de educadoras que possuem o livro como companheiro de viagens e ao mesmo tempo o consolador dos momentos mais difíceis. Por meio dele, também se percebe a ampliação dos valores e a renovada interpretação da realidade que quando confrontada com textos ganha um novo colorido e dinamismo.

O universo da leitura é um componente primordial na prática dos profissionais da Educação, que ao perceberem sua função social se empenham no sentido de motivar o prazer pela leitura, e, com isso, incentivar o processo do conhecimento.

Freire (2013) em seu livro *Educação como Prática da Liberdade*, destaca sobre a necessidade de criação de Círculos de Cultura e da utilização das palavras de sentido. Somente quando os educandos incorporam seu cotidiano à prática educacional é que o exercício de libertação é efetivado.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2014) continua a reflexão em torno da necessidade de superação da dicotomia entre opressor/oprimido e alerta para a necessidade do valor da leitura numa perspectiva libertadora. Na obra, podemos perceber a citação de autores dos mais diversos universos contribuindo para a articulação de Freire. Nessa obra fica latente que somente os oprimidos são capazes de promover sua própria libertação, e o educador aprende a partir da relação existente nos espaços educacionais.

Nesse sentido, Freire dá mais um passo em sua teoria do conhecimento. O educador não é um iluminado que porta a luz libertadora dos alunos, mas ambos se iluminam a partir da experiência do conhecimento nascente da relação. Welfort, no prefácio da obra *Educação como prática da liberdade* (2013) afirma que Paulo Freire era o propiciador de uma imagem nova sobre o educador, uma espécie de Sócrates das camadas populares que percebia que o conhecimento nascia da relação e não de um grupo vanguardista.

Dessa forma, podemos perceber que a leitura que Freire possui sobre as pessoas envolvidas no processo de leitura conduz a realização das experiências de liberdade frontal da pessoa, em que todos são sujeitos das práticas educacionais e a leitura não se resume ao letramento com clara finalidade de inserção no mercado de trabalho. A leitura em sua perspectiva é que abre as possibilidades de interpretação da realidade e de transformação das várias situações nas quais as pessoas estão envolvidas.

Em *A importância do Ato de Ler* (1989), Paulo Freire escreve que o letramento é fundamental para o crescimento das pessoas, contudo, isso pode ser feito quando há uma articulação do que é ensinado em sala de aula ou com alguma prática que movimenta com a vida das pessoas. Entendemos letramento de acordo com a educadora Magda Soares (2002, p. 145) que é “(...) o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – os eventos de letramento”.

Soares (2005, p. 19) ao referir-se ao termo alfabetizado diz que “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam”. A autora aponta uma diferença entre letramento e alfabetização e acrescenta que mesmo um adulto que não foi alfabetizado pode ser letrado, nesse sentido acrescenta que:

(...) um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2005, p. 24).

Portanto, podemos perceber que a leitura é capaz de propiciar um conhecimento crítico da realidade e a ampliação das possibilidades de futuro para os indivíduos através da *Libertação e Autonomia* que adquirem por meio dela.

2.3. Educação e leitura na perspectiva freiriana

As práticas de leitura efetivadas na Casa dos Sonhos nascem da perspectiva de uma *educação libertadora*. Essa visão de mundo impacta diretamente nas práticas pedagógicas das educadoras e nas ações dos educandos presentes nessa instituição. Por essa razão analisamos as obras do escritor Paulo Freire que percebia o valor da leitura na promoção das pessoas e nas transformações das realidades do cotidiano.

Paulo Freire, pensador da Educação do século XX, nasceu em Pernambuco e experimentou ao longo de cerca de vinte anos as consequências do regime militar. Expulso no ano de 1967, Freire como exilado, teve a oportunidade de expandir seus horizontes e sua leitura acerca da Educação e do mundo. Para esse pensador, todos os envolvidos no processo educacional são responsáveis por sua própria libertação em comunhão com outros e mediatizados pelo mundo (FREIRE, 1967). Na sua perspectiva, a Educação é vocação do indivíduo que reflete sobre a classe, constituindo aquilo que ele chama de experiência originária de ser mais, ou seja, em sua acepção, o ser humano tende em sua finitude a transcender sempre, buscando melhorias e transformações substanciais ao longo da vida.

As raízes epistemológicas de Freire nascem do universo marxista, existencialista e cristão. Aquilo que em outros pensadores seria capaz de promover divergências, em Freire tende a se unir promovendo uma abordagem sistêmica e rica. Nesse ponto, podemos perceber que a tentativa de harmonização de ideias e posturas tão diferentes concedia a Freire uma liberdade diante de grupos e instituições, mas sem faltar com a ideia de que suas posturas e obras sempre seriam carentes de revisão.

Num primeiro momento, em *Educação e Atualidade Brasileira* (texto para posse na Cátedra na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE), o Freire (2003) escreve sobre a importância de promover a leitura para que os alfabetizandos⁹ possam ser inseridos no mercado de trabalho. Ainda de forma incipiente, o pensador explora a necessidade de fomentar uma crítica ao sistema e a uma postura de classe, contudo, isso se constitui um germe daquilo que ele iria aprofundar posteriormente. Assim, podemos perceber que há uma progressão no pensamento e escrita de Paulo Freire.

Em *Educação como Prática da Liberdade* (2013), fica evidente a postura de Freire que elabora um conhecimento existencial e gnosiológico. Na sua perspectiva, o ser humano experimenta a liberdade. Esse conceito está bem distante dos pensadores liberais, pois na obra Freire elucida sempre a necessidade da plena articulação entre liberdade e libertação. A liberdade está nas subjetividades ao passo que o conceito de libertação está nas relações com as pessoas e com as coisas.

Nessa obra, Freire (2013) se preocupa em pensar uma educação não apenas de classe¹⁰, mas também nas mudanças que podem ser possibilitadas nos sujeitos. Não basta apenas superar a dicotomia entre oprimidos e opressores, mas é preciso que o arquétipo do opressor seja banido de “dentro” dos oprimidos.

A Educação na perspectiva de Paulo Freire deve ser considerada como crítica, problematizadora e libertadora. Isso será possível à medida que se supere a antinomia educador-educando. A concepção de *educador* presente no pensamento de Freire em sua pedagogia do oprimido é a de alguém que articule, opere propicie um diálogo sempre novo e carregado de vida.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo* com as liberdades e não *contra* elas. (FREIRE, 2014, p. 95, grifo do autor).

⁹ Paulo Freire prefere utilizar a expressão alfabetizando a analfabetos. Em sua compreensão, as pessoas estão em processo de elaboração de um saber para a vida, constituindo um protagonismo do conhecimento em todas as esferas. Em sua compreensão, o educador não é uma líder que se sobrepõe aos alunos, mas alguém que os estudantes estabelecem relações e produz um conhecimento válido.

¹⁰ Em *Pedagogia da Esperança*, Freire reflete de maneira mais profunda sobre a leitura marxista afirmando que a leitura a partir das classes é um dos motores da história e não o único motor. Isso significa dizer que o texto desse pensador extrapola a leitura marxista clássica.

O ato de educar em *Pedagogia do Oprimido* (2014) nasce das relações estabelecidas entre os seres humanos. Na concepção freiriana o ser humano só se educa à medida que se relaciona.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis que na prática bancária, são possuídos pelo educador que os descreve ou os deposita nos educandos passivos. (FREIRE, 2014, p. 97).

Em setembro de 1996, Paulo Freire escreveu as últimas linhas de *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática docente*. Na certa, há quem afirme que a leitura do texto se destina apenas aos mestres do ensino, mas na verdade o texto é escrito também para os vários modelos de educadores. Na obra, Freire tem a preocupação de valorizar o papel do educador, mas certamente as reflexões contidas no livro extrapolam tal experiência. Freire inicia sua escrita afirmando que seu texto é marcado pela experiência da esperança. Tal postura revela que o autor aponta para o futuro, para a concretização de sonhos possíveis.

No início de *Pedagogia da Autonomia*, o autor revela que qualquer que seja a perspectiva do educador, faz-se necessário que ele possua uma crítica à sua atuação. “A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática, ativismo.” (FREIRE, 2013, p. 24).

Apesar de deixar muito claro o papel do educador e do educando, o autor também destaca que há uma relação de diálogo entre os dois contribuindo para que ambos sejam formados ao longo da prática docente e de outros processos educacionais. O ato de ensinar se localiza junto ao ato de aprender, ou seja, à medida que um educador ensina, ele também está aprendendo.

Com a perspectiva freiriana podemos perceber uma ruptura epistemológica na relação com o *saber*. Isso significa dizer que não apenas o educador é detentor e transmissor do conhecimento, mas também as outras pessoas envolvidas no processo de educação e partilha de saberes.

A Importância do Ato de Ler (1989) acompanha toda a trajetória intelectual de Paulo Freire e certamente a vida de milhares de educadores. O autor pernambucano escreveu alguns textos relevantes para a justa compreensão do papel da leitura em sua obra intelectual. Em

novembro de 1981, já em terras brasileiras o pedagogo proferiu importante palestra em um Congresso de Leitura na cidade de Campinas.

O texto *A Importância do Ato de Ler* (1989) deve ser considerada como o texto-base em que Freire expõe suas principais ideias sobre a leitura. Em sua exposição, Freire apresenta que a Educação e até mesmo o processo de alfabetização é um processo político e cultural. Não há neutralidade no exercício da escrita e/ou da leitura. Só aprendemos porque optamos por temas e posturas ao longo da aprendizagem.

Em sua concepção, o ato de ler é precedido pela leitura do mundo. Essa postura revela que não deve existir uma cisão entre leitura, prática pedagógica e realidade. Pelo contrário, tais ações devem ser concebidas como indissociáveis. Quando essa conexão não ocorre há prejuízos significativos para o processo educacional e a capacidade de interpretar textos.

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. Ao ensaiar escrever sobre o ato de ler, eu me senti levado - e até gostosamente - a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo. (FREIRE, 1988, p. 12)

Para Paulo Freire, o ato de ler pode ser compreendido de forma equivocada. Em suas viagens pelo mundo, o autor percebeu que numerosos jovens se sentem prejudicados com a obrigatoriedade de ler diversos títulos ao longo da vida. Com essa constatação, o autor percebe que muitos jovens acabam reagindo contra o ato de ler por conta do modo como isso lhe foi apresentado. O ato de ler em sua percepção envolve demora, paciência e a experiência de “saborear” palavras e cenas.

Freire (1988) também compreende que o ato de ler é um ato político. É nessa perspectiva que ele enquadra a Educação de adultos.

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos *ba-be-bi-bo-bu*, dos *la-le-li-lo-lu*. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensino puro da palavra, das sílabas ou das letras. Ensino em cujo processo o alfabetizador fosse enchendo com suas palavras as cabeças supostamente “vazias” dos alfabetizandos. Pelo contrário, enquanto ato de conhecimento e ato criador, o

processo de alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. (FREIRE, 1988, p. 19, grifo do autor).

Em outras palavras, linguagem e realidade estão articuladas dinamicamente. Assim, a concepção que o autor nos expõe é a de que ler é um ato crítico diante da realidade. Com essa perspectiva Freire (1988) não pretende anular o papel do educador, mas em uma tarefa com os educandos de uma determinada comunidade, o educando precisa da ajuda do educador, mas isso não anula a criatividade dos envolvidos no processo educacional. Tanto a tarefa de ensinar a ler, quanto de dominar ainda mais a língua e os recursos que dela dispõem serão tarefas de ambos. Contudo, o educando é que deve ser o principal protagonista desse processo.

Freire também reforça em suas obras que as palavras envolvidas no processo educacional devem ter suas origens no cotidiano dos envolvidos.

Este movimento dinâmico é um dos aspectos centrais para mim, do processo de alfabetização. Daí que sempre tenho insistido em que as palavras com que organizar o programa de alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. A pesquisa do que chamava de universo vocabular nos dava assim as palavras do povo, grávidas de um mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava de codificações, que são representações da realidade. (FREIRE, 1988, p. 20).

Outro conceito importante na perspectiva freiriana é a concepção de “palavra mundo”. A “palavra mundo” é a realidade imediata das pessoas, são palavras dotadas de sentido para aqueles que estão envolvidos ao longo dos processos educacionais. Freire se recorda do valor dessa expressão e afirma:

Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler. O mesmo mundo – primeiro mundo que se deu à minha compreensão pela leitura que dele fui fazendo. Lá re-encontrei algumas das árvores da minha infância. Reconheci-as sem dificuldade. Quase abracei os grossos troncos – os jovens troncos de minha infância. Então, uma saudade que eu costumo chamar de mansa ou de bem comportada, saindo do chão, das árvores, da casa, me envolveu cuidadosamente. Deixei a casa contente, com a alegria de quem re-encontra gente querida. (FREIRE, 1988, p.16).

Freire também utilizava os “temas geradores”¹¹ para falar sobre a importância da tarefa do educador. As falas dos educadores, seus temas e percepções devem nascer do cotidiano dos educandos e não decididas por outrem¹².

Paulo Freire aprendeu ao longo dos anos de vida intelectual que seus livros deveriam nascer de diálogos, por essa razão, em 1990 escreveu seu livro *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. A obra escrita juntamente com Donaldo Macedo traz um prefácio de Henry Giroux.

Giroux (2013) considera que Freire está em consonância com as concepções de Whitehead, Peirce, Cassirer, Langer e outros filósofos que articulam saber e liberdade. A linguagem nesse sentido vem desse universo e volta provocando uma transformação no mundo. A linguagem em sua concepção não é apenas meio de comunicação, mas a linguagem e o diálogo como expressões e pressupostos naturais para a linguagem.

Freire e Macedo (2013) compreende que o ser humano é um ser de linguagem, pois ele pensa simultaneamente pensa a palavra e as coisas. A linguagem, portanto, propicia a crítica diante das ações e do mundo.

A linguagem assegura também o poder da conjuntura: por podermos nomear o mundo e, assim, tê-lo dentro da mente, podemos refletir sobre o seu significado e imaginar um mundo mudado. A linguagem é meio para atingir uma consciência crítica, a qual, por sua vez, é o meio de imaginar uma mudança e de fazer opções para realizar transformações ulteriores. Assim, nomear o mundo transforma a realidade, de “coisas” no momento presente, em atividades como reação a situações e processos; em tornar-se. (...) No cerne da pedagogia do saber de Paulo Freire encontra-se a ideia de que nomear o mundo tornar-se um modelo para transformar o mundo. (GIROUX, 1986, p. 75 apud FREIRE, 2013, p.17).

Freire desenvolve desde o início de suas obras uma educação política que considere a questão de uma educação para a consciência de classe, mas também que supere essa noção. É preciso superar um modelo educacional que menospreze o valor do indivíduo.

Começamos pelo fim: a consciência é gerada na prática social de que se participa. Mas tem, também, uma dimensão individual. Minha compreensão

¹¹ Na perspectiva Freiriana, o “tema gerador” é o processo de construção de expressões que emergem do grupo a partir das necessidades e anseios da comunidade. Para Freire (2013), esses temas só são geradores de ação-reflexão-ação se forem carregados de conteúdos sociais e políticos com significado concreto para a vida dos educandos e não escolhidos ao acaso.

¹² Pensando nisso, Paulo Freire posteriormente escreve sobre a importância de todos os agentes educacionais se envolverem para uma prática pedagógica mais eficaz. Todos os agentes educacionais de uma determinada escola, instituição ou grupo devem opinar sobre que modelo educacional uma comunidade precisa.

de mundo, meus sonhos sobre o mundo, meu julgamento a respeito do mundo, tendo, tudo isso, algo de mim mesmo, de minha individualidade, tem que ver diretamente com a prática social de que tomo parte e com a posição que nela ocupo. Preciso de tudo isso para começar a perceber como estou sendo. Não me compreendo se trato de me entender à luz apenas do que penso ser individualmente ou se, por outro lado, me reduzo totalmente ao social. Daí a importância da subjetividade. Mas não posso separar minha subjetividade da objetividade em que se gera. (FREIRE, 2013, p. 80)

Na concepção de Giroux (1986), o analfabetismo não é apenas a negação do letramento as classes populares, mas uma forma de ampliar a dominação sobre tais classes. Com essa postura também se percebe que por vezes, o Estado propicia algumas práticas de educação com o fim de promover a leitura, mas também por meio disto reproduz a perspectiva de quem está no poder. Assim, a alfabetização e também outras práticas educacionais estão colocadas a serviço de uma ordem que se mantém sobre os povos.

Graças à leitura e as ações que decorrem dela é que podemos marcar nossa posição no mundo. Em diálogo com Freire, Macedo (2013) concebe “alfabetização” com o adjetivo “emancipadora”. Essa sugere duas dimensões da alfabetização.

Por um lado, os alunos devem alfabetizar-se quanto às próprias histórias, a experiências e à cultura de seu meio ambiente imediato. Por outro lado, devem também apropriar-se dos códigos e culturas das esferas dominantes, de modo que possam transcender a seu próprio meio ambiente. Muitas vezes, há enorme tensão entre essas duas dimensões da alfabetização. Como pode a alfabetização emancipadora lidar eficientemente com essa tensão de modo a não sufocar nenhuma dessas dimensões? E como lidar com a consciência ou a subjetividade dos educandos? (FREIRE; MACEDO, 2013, p. 79).

A tais questionamentos Freire responde indicando a pedagogia crítica que tem Giroux como um de seus representantes. Freire afirma que é preciso assumir o senso comum do povo para depois voltar a ele criticamente. “Não é possível superar a ingenuidade, o senso comum sem assumi-los” (FREIRE, 2013, p. 80).

De acordo com Paulo Freire (2013), a consciência do mundo se dá com a relação que se estabelece com o mundo. Nesse sentido, essa percepção do mundo é que de fato revela a natureza do homem. O ser humano não é mero expectador do mundo (no sentido passivo da expressão), mas “escritor” e “leitor” deste mundo. A realidade está posta para o ser humano, mas isso não significa que isso forme um monólito. Pelo contrário, a história é o lugar da escrita, da ação e da transformação do mundo. Freire continua essa reflexão afirmando que esse ato de “escrever” e “ler” o mundo também age sobre o “leitor”. Assim, o exercício de

agir sobre o mundo traz uma carga objetiva e subjetiva. Ambas as dimensões são fundamentais para pensar em um paradigma libertário e emancipatório.

Freire (2013) reconhece também que o saber popular por vezes é apresentado como um saber menor, menos relevante e corrompido pelas pessoas mais simples. A cultura que é apresentada por uma determinada camada da sociedade pode servir de mecanismo de dominação sobre outro grupo ou comunidade.

O pensador pernambucano também afirma que aquilo que é visto como pertencente à classe dominante também é visto como algo nacional e não regional. Aquilo que é expressão de comunidades consideradas populares e periféricas é visto oficialmente nas grandes narrativas como uma cultura menor ou até mesmo a ausência de cultura.

Indo mais adiante, podemos perceber que a questão da prática do educador não pode ser compreendida como um depósito de informações, mas algo que nasce do povo e das pessoas envolvidas no processo de alfabetização e educação.

2.4. Paradigma emancipatório na Educação

Na concepção de Giroux (2006), as escolas e organizações educacionais demarcam um espaço político por meio das escolhas que elas realizam cotidianamente. O professor e os demais educadores estão imbuídos de agirem para transformar a sociedade a partir da experiência local, é a partir das transformações locais que mudamos a realidade. Desse modo, há uma valorização da cultura local, da formação e capacitação de educadores com ênfase na capacidade crítica.

Está no âmago da própria definição de pedagogia crítica à vontade colectiva de reformar as escolas e de desenvolver modos de prática pedagógica em que professores e alunos se tornem agentes críticos que questionem activamente e negociem a relação entre teoria e prática, entre a análise crítica e o senso comum e entre a aprendizagem e a transformação social. (GIROUX, 2006, p. 135)

Percebemos que tanto Freire quanto Giroux realizam um questionamento também à prática curricular presente nas instituições educacionais. Na concepção de ambos não basta apenas acolher o currículo apresentado por planos educacionais, mas suscitar um currículo

para as organizações educacionais que sejam capazes de considerar as várias vozes das organizações educacionais.

Para Giroux (2006) há também uma ênfase na questão da emancipação, poder e cultura. O autor afirma que a questão do “empoderamento” presente no cotidiano escolar se pauta graças ao caráter dialético da escola e de outras organizações. Poder e conflito são inevitáveis ao longo dos processos educacionais e por essa razão se faz necessário educar para o bom exercício do poder.

Giroux (2006) também reforça que a cultura popular não pode ser considerada como cultura marginal. O conhecimento gerado pelas camadas populares é transformado quando problematizado pela comunidade, por educadores e educandos.

A Teoria Crítica e a prática educacional na perspectiva de Henry Giroux tem como inspiração a Escola de Frankfurt que apontava a necessidade de questionar criticamente o conhecimento, a tradição filosófica e a questão cultural. Tal tradição aponta a necessidade de aprofundar a crítica indo para além das aparências (GIROUX, 1986).

Segundo Giroux (1986), a percepção de Adorno e Horkheimer tem como foco de maior questionamento a cultura e por essa razão o autor expande sua crítica à cultura que é “reproduzida” nos espaços educacionais. É preciso, na visão de Giroux (1986) que a escola, bem como outras instituições, possa ter vida para além da preparação para o mercado de trabalho.

Giroux (1986) também critica a posição da tradição marxista por ter negligenciado a questão da subjetividade. Essa dimensão da vida para o pensador é de fundamental importância para a transformação das instituições educacionais e o cotidiano.

Se os contornos do marxismo ortodoxo revelam um desprezo pela subjetividade e pela consciência, seu centro conceptual de gravidade parece atingido por uma inconsistência que não oferece nenhum desafio teórico. A inconsistência está enraizada em uma denúncia (sic) paradoxal do capitalismo, por um lado, e numa desmoralização autoproclamada, pelo outro lado. A crítica existe, mas nesse caso sem o benefício da esperança, e assim, sem os benefícios dos agentes humanos que podem usá-la para transformar a realidade social. (GIROUX, 1986, p. 163)

Podemos afirmar que o aspecto da subjetividade é compartilhado por Giroux e Freire. Na percepção de ambos o trabalho do educador com educandos deve suscitar o nascimento de pessoas críticas que não mais reproduzam modelos de opressão. Dessa forma, as pessoas são

agentes de sua própria emancipação e prática educacional. Tanto na obra de Giroux quanto de Freire não há espaços para pensar em uma pequena elite detentora de conhecimento que levará os saberes e práticas culturais para outro público. Visto que todos produzem cultura e saberes.

A obra de Giroux (1986) também encontra ressonância com a de Freire na questão da educação/alfabetização. Não há neutralidade na prática educacional tradicional. As práticas de reprodução presentes na maioria das instituições educacionais transmitem valores e percepções de mundo a partir de uma elite. O autor esclarece que Paulo Freire é quem melhor apresenta um modelo de alfabetização crítica e comprometida com a questão cultural.

A crítica que Freire faz dos enfoques dominantes em alfabetização fornece um cenário teórico diante do qual se possa entender sua noção de alfabetização como um modo de produção cultural radical. É inerente à sua análise o pressuposto de que os enfoques tradicionais de alfabetização reduzem os processos de leitura, escrita e pensamento a técnicas mecânicas e alienantes e a práticas sociais reificadas. Ao invés de ser uma resposta crítica às dificuldades dos oprimidos, os enfoques tradicionais, segundo Freire, ignoram a cultura, as habilidades de linguagem e as questões que inspiram e dignificam a vida diária do pobre. Tais enfoques não são simplesmente repressivos e alienantes, eles também produzem, entre os oprimidos, identidades e subjetividades que reforçam a visão da ideologia dominante que os considera inferiores e responsáveis por sua posição na estrutura de classes. (GIROUX, 1986, p. 296)

Entendemos que a percepção que Giroux e Freire possuem é a de que a relação educacional progressista avança na reflexão ao incorporar a reflexão em torno da questão dos sujeitos. Os autores não apenas refletem sobre a necessidade de uma mudança nas práticas educacionais para a transformação da sociedade, mas também para efetiva mudança no indivíduo. É preciso que tal trabalho seja considerado para que os oprimidos não reproduzam com o poder que possuem as ações dos opressores. A leitura nessa perspectiva não se restringe a decodificação de grafemas, mas se torna um meio para transformar a realidade, os sujeitos e as práticas educacionais.

2.5. *Cuidado: a educação centrada na integralidade do Ser e na libertação dos sujeitos*

Leonardo Boff (2013), escritor e teólogo do presente século, têm escrito não apenas textos sobre Deus, religião ou dogmas. Dentre as principais preocupações de Boff podemos

destacar a questão do ser humano como centro de seu pensamento e obra. Desde a década de 1970, o teólogo vem escrevendo sobre a natureza do ser humano e suas vicissitudes. Na sua percepção, o ser humano não é visto como algo negativo, mas como um ser simbólico.

Dentre as categorias aprofundadas por Boff (2013) merece destaque a expressão *Cuidado*. Para o autor, “vivemos atualmente uma crise civilizacional, pois nossa civilização vive a experiência do descuido, do descaso e do abandono, de falta de cuidado.” (BOFF, 2014, p. 18). O descuido possui várias acepções. Ele se manifesta no descuido e descaso de crianças, dos pobres, dos marginalizados, dos sonhos de generosidade, dos desempregados, dos aposentados, da sociabilidade nas sociedades, descaso pela coisa pública, descaso pela vida, pelo planeta e pelo modo de conviver com as pessoas.

Na percepção de Boff (2013) é necessário o nascimento de um consenso mínimo entre as pessoas, de um *ethos* onde a casa comum possa ser o lugar de todos. O *Cuidado* nesse sentido diz respeito “à ocupação que o ser humano possui para superar o descaso, exige atenção, zelo e desvelo.” (BOFF, 2013, p. 37). O *Cuidado* é, portanto, uma atitude, mas não só, é um estado primordial e constitutivo do ser, na perspectiva heideggeriana.

Boff (2013) considera a tradição filosófica de Martin Heidegger em sua obra *Ser e Tempo* e afirma que o ser humano possui o cuidado como expressão de sua condição do mundo. O ser humano é um ser protagonista de cuidado e ao mesmo tempo carente de cuidado.

Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define-se, perde sentido e morre. Se, ao largo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Por isso, o cuidado deve ser entendido na linha da essência humana (Que responde à pergunta: o que é o ser humano?). O cuidado há de estar presente em tudo. Nas palavras de Martin Heidegger: “cuidado significa um fenômeno ontológico-existencial básico”. Traduzindo: um fenômeno que é a base possibilitada a da existência humana enquanto humana. (BOFF, 2013, p. 39).

Boff (2013) também fez um estudo sobre a filologia da palavra *cuidado*. Segundo ele cuidado deriva da palavra cura. Cura em latim se escreve *coera* e era utilizada no contexto de amor e de amizade. A expressão se articula com o zelo pela pessoa amada ou por um objeto de estimação. Utilizando expressão de Horácio, Boff (2013, p. 104) compreende que o *Cuidado* “é o eterno companheiro do ser humano”.

O autor critica o modelo civilizacional que prevê o trabalho como a principal marca do ser humano. O ser humano não é o ser do trabalho, mas o ser do cuidado. Parafraseando Antoine Saint-Exupéry, Boff (2013, p. 115) recorda que “o ser humano ao sentir profundamente expressa seu ser de cuidado”. A expressão do cuidado não nega o valor do trabalho e da intervenção do mundo, mas compreende que as coisas e as pessoas não podem ser reduzidas às relações de poder. O educador que se debruça na compreensão da dimensão do cuidado se depara com a necessidade do autoconhecimento, de se reconhecer no mundo e de se perceber *no* e *com* o outro.

Leonardo Boff (2013) acredita que é possível reencantar a Educação por meio do *Cuidado*, este pode ser vivenciado nas escolas e instituições educacionais. As escolas e associações devem propiciar um trabalho de valorização do cuidado não apenas como tema para ser refletido, mas por meio de ações que devem ser incorporadas ao cotidiano escolar. O *ethos* do qual o autor fala não é apenas um objetivo a ser perseguido, mas uma realidade a ser efetivada no cotidiano.

Na atualidade, o cuidado assume o papel de mostrar a visão de que o homem é parte da natureza e possui a responsabilidade de protegê-la, regenerá-la e cuidá-la. Boff (2012, p. 21) em sua obra o *Cuidado Necessário* afirma que mais que uma técnica, o *Cuidado* é uma arte, um paradigma novo de relacionamento para com a natureza, para com a Terra e para com os outros seres humanos.

A Associação Casa dos Sonhos é um dos lugares onde a experiência do *Cuidado* ocupa grande expressão. Nela, o cuidado é manifesto por meio das ações e da perspectiva pedagógica. A escolha pela palavra certa e a leitura do mundo que parte da Comunidade de Santo Amaro é expressão de cuidado. Escolher a melhor palavra, a melhor obra, a melhor interpretação para a Comunidade compõe aspectos de uma carícia essencial, de um cuidado que promove o crescimento de todos os envolvidos.

Percebemos que nos três pensadores apresentados previamente fica evidente o valor da leitura e da palavra para melhoria de vida das pessoas. Não basta apenas teorizar, refletir, mas é preciso que haja uma mudança vocabular que nasça do cotidiano e volte para o cotidiano de forma nova. Desse modo, o cuidado com a palavra também se articula como importante ferramenta de transformação da vida das pessoas.

A libertação apresentada por Freire (2013) é uma libertação integral, mas que nasce com um compromisso mediado pelo mundo e se apropriando da palavra que seja escrita, que seja oralizada. A tradição de valorizar a palavra remete a antigas culturas, mas também podemos perceber o valor dela em nossa sociedade e no nascimento de novas relações.

O sujeito emancipado na percepção de Giroux (1986) é o sujeito que se coloca no mundo fazendo uso de sua *palavra*, de sua fala, de sua corporeidade, isto é, não há história sem palavras, sem comunicação.

O terceiro pensador nos apresenta a questão do cuidado para conosco, para com as subjetividades e para com a natureza. Tudo isso se dá pela experiência de afeto propiciada por gestos, mas também veiculada por meio da *palavra*. A *palavra* tanto pode servir para a experiência do cuidado quanto para a experiência do descuido. Por essa razão é importante cuidar da *palavra* e da comunicação.

Outro importante conceito para a Educação Popular realizada na Casa dos Sonhos é a *Libertação*. O tema da *Libertação* fez parte de um número expressivo de teólogos e filósofos do século XX que expressava o desejo e a perspectiva de que o povo era o próprio sujeito de seu fazer histórico.

Na perspectiva de Enrique Dussel (1977), Leonardo Boff e Boff (2005), a *Libertação* acontece na medida em que os sujeitos se envolvem não apenas com seus dilemas pessoais, mas também por meio de sua inserção nas transformações sociais. Dessa maneira, o sujeito histórico constrói uma série de relações carentes de sentido e de transformação.

Paulo Freire em suas primeiras obras prioriza a reflexão em torno do tema e alerta para a necessidade de uma educação que possa construir com educandos e educadores um projeto libertador.

Logo, percebemos que tais teóricos apresentam uma teoria que nasce também a partir de uma práxis, e por essa razão fizemos a opção de adotá-los para nossa reflexão acerca da Casa dos Sonhos.

CAPÍTULO 3 - DA REALIDADE À CASA DOS SONHOS: ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DA ASSOCIAÇÃO

A Associação Social Casa dos Sonhos foi fundada em 20 de junho de 2004 como uma associação civil de natureza filantrópica sem fins lucrativos. A Associação está localizada na Rua Joaquim Gomes de Castro, n.º 488, Loteamento Boa Vista (Comunidade Santo Amaro) Várzea Nova, no município de Santa Rita¹³.

A Casa dos Sonhos nasceu das utopias dos membros da Comunidade de Santo Amaro em Várzea Nova e do protagonismo das Irmãs Dominicanas Estela Nuñez e Yudith Gomez. Elas pertencem à ordem das *Irmãs Dominicanas do Santíssimo Nome de Jesus*, vivem como mulheres consagradas ao Senhor, dedicando-se à educação, ao ensino, ao acompanhamento pastoral de comunidades e às mais variadas formas do serviço social em prol dos empobrecidos e marginalizados. Ambas de origem argentina migraram para o Brasil imbuídas de comunicar a mensagem do evangelho, mas não se atendo à mera doutrinação religiosa. As Irmãs dominicanas se colocaram desde cedo a serviço das práticas pastorais da Arquidiocese da Paraíba, e, sobretudo de ações pastorais com um claro teor social e transformador. Na concepção delas não basta apenas pregar o Evangelho, mas é preciso promover as pessoas, considerando-as como agentes desse processo.

3.1. No princípio estava o sonho: origem da Casa dos Sonhos

A Casa dos Sonhos nasce mediante as dificuldades enfrentadas pela Comunidade Santo Amaro. Diante da realidade de pobreza e de negação de direitos fundamentais como a questão da Educação.

Surgiu como resposta às necessidades de um grupo de crianças e adolescentes desta comunidade que pediam esmolas e trabalhavam catando materiais recicláveis nas ruas de nosso bairro, colaborando com isto ao

¹³ Santa Rita, município paraibano localizado na grande João Pessoa é considerada uma das maiores receitas do estado. Suas origens reportam ao período da colonização e se destacou como grande produtor de açúcar no século XVIII e XIX. Contudo, a leitura crítica que possuímos nos permite perceber que tal município esteve dirigido por parte de oligarquias e de grupos políticos que pouco cuidaram dessa cidade. Atualmente, o município conta com 163 escolas, das quais 75 são municipais, 19 estaduais e 68 particulares e um Instituto Federal (IFPB). O município conta com um número elevado de vítimas do analfabetismo e de elevados índices de violência. Atualmente os maiores dramas são o atraso do pagamento de salários de educadores do município e a falta da coleta de lixo.

sustento de suas famílias. Inicialmente nossa ajuda consistiu em dar uma refeição e apoio escolar duas vezes por semana, em nossa casa. Como o número deles cresceu e não tínhamos condições de atendê-los, nos reunimos com suas famílias, para analisar a necessidade de conseguir um espaço maior para encontros. Eles aceitaram a proposta e deram seu apoio. Pelo que no ano 2003 foi solicitada a ajuda para a compra do terreno e construção do centro na Fundação *Aiutare i Bambini* de Itália. Graças a diversos apoios, a Casa dos Sonhos abriu suas portas o ano 2004 para acolher 40 crianças. (PROJETO SOCIOEDUCATIVO CASA DOS SONHOS, 2004, n.p., grifo nosso).

Fotografia 1 - Escolinha Sonho de Aprender: o lugar onde tudo começou



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2002.

Antes mesmo dessa organização se estruturar, as Irmãs fundadoras Estela Nuñez e Yudith Gomez começaram o trabalho da Casa dos Sonhos de forma germinal. De acordo com a *educadora 1*, elas iniciaram um trabalho distinto para com aquela Comunidade antes mesmo de possuírem as estruturas adequadas.

Em um dia ensolarado chega à casa de Estela e Yudith um pequeno grupo de criança em busca de alimentos e logo essas crianças foram acolhidas pelas mesmas que logo lhes saciaram a fome. Essa ação foi repetida por muitos meses em um pequeno espaço de sua casa (a garagem), que a cada dia sua casa se tornava menor pelo grupo de crianças que aumentavam dia após dias. Percebendo a dificuldade daquelas crianças na leitura e na escrita se fez necessário além de saciar a fome de pão, saciar também a fome do conhecimento do saber da leitura e da escrita. E foi graça a uma dessas crianças que tudo começou. (EDUCADORA 1, 15 de maio 2016, informação escrita).

A *educadora 1* recorda que a Associação nasce também do sonho de pessoas daquela Comunidade que acreditaram no trabalho e na intuição das Irmãs dominicanas.

Adriano com apenas sete anos foi exemplo de ousadia, coragem e perseverança, mesmo ainda tão pequeno já era um idealizador de sonhos mesmo sem saber o que estava semeando semeou uma semente que vem a cada dia se multiplicando em flores e mudando as vidas de muitos aqui nessa comunidade. Mesmo que sua vida tenha sido ceifada covardemente, mas seus sonhos permanecem vivos assim como sua memória e lembranças em nossas mentes. E é nesse sentimento de gratidão e amor que hoje estamos festejando o 8º ano da casa que começou com a chegada de Adriano que nunca deixou a casa mesmo depois de sua existência em nosso meio. Seus sonhos de mudança e crescimento continuam tendo avanços e pela coragem e bravura de Adriano estamos hoje homenageando pessoas tão queridas que compartilhou e deixou seu legado aqui na casa como nosso grande menino Adriano e outros amigos como José Comblin¹⁴ e outros que aqui passaram. . (EDUCADORA 1, 15 de maio de 2016, informação escrita).

Fotografia 2 - Fundadoras da Casa dos Sonhos
(À Frente de Camisa preta Ir. Yudit e de Camiseta azul Ir. Estela)



Fonte: Arquivo da Casa dos sonhos, 2010.

Percebemos na fala da *educadora 1* a menção frequente a capacidade de sonhar. São os sonhos que nos lançam sempre adiante, para o futuro. A Casa dos Sonhos é interpretada como o lugar que oferece esperança e compromisso às pessoas que frequentam aquele espaço. É preciso unir o sujeito que sonha, projeta e espera com aquele que já efetiva as práticas concretas no cotidiano. A Casa dos Sonhos é um lugar privilegiado para viver uma experiência de renovação dos sonhos na Comunidade Santo Amaro.

¹⁴ Jose Comblin, padre católico de origem belga, viveu no Brasil durante os difíceis anos da ditadura militar e foi exilado no Chile. Terminado o exílio, ele volta ao Brasil e faz uma opção pelos pobres e pelo Nordeste do país. Sua vida sempre foi devotada aos mais pobres e necessitados visando à transformação das realidades.

Irmã Yudith Gomez também relata como foi o nascimento da Casa dos Sonhos naquele município:

A Casa dos Sonhos surgiu por iniciativa das Irmãs Dominicanas do Santíssimo Nome de Jesus (de Argentina) como resposta à realidade das crianças que pediam esmola na rua na periferia de Bayeux e Santa Rita. Inicialmente se formou um grupo de 15 crianças, que necessitavam de reforço escolar e de sustento alimentar. O grupo se autodenominou “Escolinha Sonho de Aprender”. Em parceria com a fundação Aiutare i Bambini de Itália, compra-se o terreno e se constrói a atual sede. Assim, foi que em Setembro de 2004 a Casa dos Sonhos abre suas portas para 50 crianças e adolescentes da comunidade Santo Amaro de Várzea Nova, na cidade de Santa Rita. Em junho de 2009 é registrada juridicamente. A Casa dos Sonhos é o resultado de um sonho das crianças e famílias da comunidade, e deseja ser um espaço onde muitos possam construir e realizar outros sonhos. Seus principais objetivos são: apoiar crianças, jovens, mulheres e famílias de comunidades carentes, que vivem situações de vulnerabilidade social e extrema pobreza, através de programas assistenciais, preventivos e de promoção humana que se executarão mediante ações formativas e educativas com base na solidariedade e a justiça. Favorecer a formação integral, assim como o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais, artísticas, culturais e lúdicas capacitando para uma melhor participação cidadã e defesa dos direitos individuais e coletivos. (GOMEZ, 20 de agosto de 2016, informação oral).

A dedicação e o zelo pela Casa dos Sonhos são explícitos desde os primeiros momentos. A narrativa histórica envolvendo a questão da memória por parte das educadoras daquela Comunidade é repleta de sentimentos e afetos.

A Associação Casa dos Sonhos está estruturada a partir de suas assembleias que avaliam sua caminhada e indicam o caminho a ser seguido. O Estatuto Social que rege a instituição se apresenta como modelo de ação para a vida dela e é constantemente avaliado considerando o dinamismo das necessidades e propostas que surgem na história da própria Comunidade.

Segundo o Estatuto Social da Casa dos Sonhos, a entidade tem por finalidade:

- I. Dar apoio às crianças, jovens, mulheres e famílias de comunidades carentes, que vivem em situação de vulnerabilidade social e extrema pobreza, através de programas assistenciais, preventivos e de promoção humana, que se executarão mediante ações formativas e educativas com base na solidariedade e na justiça.
- II. Promover a **participação e organização do coletivo** da Casa dos Sonhos, na perspectiva da transformação da realidade sociopolítico, ética, econômica e ecológica para a construção de uma sociedade mais justa.
- III. **Favorecer a formação humana** e espiritual, assim como o desenvolvimento das capacidades físicas, intelectuais, artísticas, culturais e lúdicas.

IV. Promover e acompanhar a aprendizagem escolar, como complemento da ação educativa formal.

V. Despertar no coletivo da Casa dos Sonhos e na comunidade circundante, o interesse, responsabilidade e compromisso em cuidar da natureza e do meio ambiente, através da conscientização e ações práticas.

VI. Acompanhar às mulheres, na promoção e **defesa de seus direitos individuais e coletivos** promovendo mecanismos de participação social e política.

VII. **Formação e capacitação dos jovens e dos adultos para a geração de renda.**

VIII. Criar espaço de **participação e integração das famílias** no projeto e deste na comunidade; especialmente das mulheres.

IX. Favorecer uma **rede de cooperação e participação de voluntários** locais e internacionais como apoio à Casa dos Sonhos.

X. Promover ações administrativas e judiciais de interesse coletivo dos beneficiários da Casa do Sonho.

XI. Trabalhar em redes e parcerias com outras instituições. (ASSOCIAÇÃO CASA DOS SONHOS, art. 2º, 2004, n.p. , grifo nosso).

A prática da Educação Popular deve ser dialógica, participativa, comprometida e politizada, cabe destacar no Estatuto da Casa dos sonhos várias ações em ressonância com a perspectiva da Educação Popular: participação e organização do coletivo, formação humana e capacitação para geração de renda, defesa de direitos individuais e coletivos, integração das famílias, rede de cooperação e participação de voluntários. Acreditamos que esses elementos são constitutivos para uma educação emancipatória.

A Associação Casa dos Sonhos nasce da preocupação das religiosas que vieram ao Brasil com o intuito de evangelizar, mas também educar pela *palavra* e pela vida. Na própria estrutura da instituição fica evidente que é um espaço de acolhida a todos. Não há distinções para que as práticas sejam efetivadas. De acordo com o artigo 3º não haverá acepção entre as pessoas da Comunidade e da Casa dos Sonhos: “No desenvolvimento de suas atividades, a entidade não fará qualquer distinção de raça, cor, sexo, condição social, credo político ou religioso” (ASSOCIAÇÃO CASA DOS SONHOS, 2004, n.p.).

Para realização das diversas práticas existentes na Casa dos Sonhos se faz necessário a captação de recursos financeiros. Como vimos acima, essa instituição não dispõe de recursos e nem possui a pretensão de lucrar a partir de suas práticas educacionais. Por essa razão a Associação dispõe de algumas estratégias e táticas¹⁵ para melhor desenvolver suas atividades.

¹⁵ De acordo com Michel de Certeau (1994), as táticas e estratégias são expressões retiradas do mundo da guerra e dos conflitos entre nações. O pensador francês possui a noção de que a estratégia prevê o cálculo, o planejamento prévio e acurado para suas conquistas. De outro modo se coloca a tática. Essa por sua vez se caracteriza pelo nascimento de uma ação que se coloca a partir do fracasso ou mau funcionamento das estratégias. Sua aplicação ao mundo da história do cotidiano dispõe da inventividade das pessoas diante das ações do cotidiano.

A Associação é regida por meio de assembleias compostas por seus associados deixando transparecer um regime democrático e capaz de escutar os clamores da Comunidade. A Assembleia e a Diretoria devem caminhar juntas para a eficácia do trabalho da Casa dos Sonhos. De acordo com o artigo 13º do Estatuto Social da Casa dos Sonhos (2004, n.p.), a Assembleia terá as seguintes atribuições:

- I. Definir as políticas de ação da associação para cumprir seus fins e objetivos.
- II. Eleger a Diretoria e os membros do Conselho Fiscal.
- III. Julgar Recurso de destituição dos membros da Diretoria e Conselho Fiscal.
- IV. Decidir sobre a exclusão de associado da ACS.
- V. Decidir pela reforma do estatuto social.
- VI. Decidir sobre a extinção da entidade.
- VII. Decidir sobre a conveniência de alienar, hipotecar ou permutar bens patrimoniais, concedendo autorização à diretoria para tal fim.
- VIII. Decidir sobre a organização de novas unidades da entidade.
- IX. Apreciar o relatório da Diretoria e decidir sobre a aprovação das contas e do balanço anual.
- X. Deliberar e decidir sobre todo e qualquer assunto de interesse da entidade para a qual for convocada.
- XI. Referendar as decisões tomadas pela Diretoria sobre os casos omissos no presente estatuto.

As associações que nasceram em espaços eclesiais ao longo das últimas décadas contavam com o apoio de grande parte da Igreja Católica. No entanto, esse apoio foi negligenciado ao longo dos últimos anos devido às mudanças significativas no perfil eclesial da Arquidiocese da Paraíba.

Para Maria da Glória Gohn (2006), os movimentos populares progressistas perderam apoio do ambiente eclesial permanecendo junto a tais movimentos grupos ou pessoas como exceção e não mais como regra.

A Associação Casa dos Sonhos se mantém graças ao auxílio de verbas financeiras oriundas de parceiros de outros países, de parceiros locais e de uma ajuda vinda do governo do estado. O trabalho desempenhado pelas educadoras é constantemente renovado pelo desejo de que a situação da Comunidade possa ser alterada.

Os programas desenvolvidos na Casa dos Sonhos são: Projeto leitura e escrita destinados às crianças e adolescentes, o grupo de mães voluntárias, construção socioecológica e o Centro Santa Catarina de Siena com as terapias integrativas.

Fotografia 3 - Acolhimento das crianças



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

O projeto de leitura e escrita acolhe as crianças a partir dos seis anos de idade, funciona pela manhã com apoio escolar. De acordo com a coordenadora pedagógica, Estela Nuñez, as atividades são distribuídas da seguinte forma:

Duas horas para o aprendizado e perspectiva da motivação da leitura e escrita. Logo após tem o momento de lazer, que concebemos que a brincadeira é um espaço lúdico que se aprende para o convívio, a tolerância, e aprende também que para nós é um propósito de educar e promover para uma cultura de paz, e depois deste convívio eles têm uma refeição. No período da tarde são os adolescentes e jovens que têm atividades culturais, música, dança e informática, eles têm momentos da participação das terapias, então cada um vai se integrando naquilo que sente que tem talento. (NUÑEZ, 2017).

O projeto de construção socioecológico tem como objetivo a construção de casas para a Comunidade, utilizando os tijolos ecológicos, uma tecnologia sustentável que tem a terra como matéria-prima. Como afirma o Professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Normando Perazzo Barbosa (2005) “A terra crua é disponível, reincorpora-se facilmente na natureza, permite gerar tecnologias menos impactantes, é de fácil manejo e mais econômica”.

Foi construída uma parte da sede da Casa dos Sonhos com a técnica do Bloco de Terra Crua (BTC). Esses Blocos são batizados de Mattone em homenagem ao seu idealizador, Professor Roberto Mattone, da Falcoltá di Architettura – Politécnico di Torino. “Ele é prensado manualmente, é fácil as pessoas aprenderem a fabricá-los”, enfatizou Perazzo durante a palestra “Tecnologias sustentáveis na construção civil: um desafio para o novo

milênio” que foi apresentada no auditório do Centro de Tecnologia (CT) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e fez parte da segunda Semana de Tecnologia que aconteceu em 2011.

Esse projeto já construiu e entregou cinco casas para as famílias da Comunidade que não tinham moradia. Segundo Barbosa et al. (2010), o trabalho com a Comunidade é uma intervenção integral que procura o seu desenvolvimento holístico, com o princípio da reciprocidade e da equidade social.

O Centro Santa Catarina de Sena oferece terapias às crianças e jovens atendidos pela Casa dos Sonhos, e também a quem se interessar na Comunidade de Santo Amaro. O propósito do Centro é cuidar da pessoa na sua integralidade, oferecendo atividades de Yoga, meditação, técnicas de respiração e auriculoterapia.

A Casa dos Sonhos dispõe de uma sala de informática com dez computadores para inserção dos educandos nas novas tecnologias, conforme ilustrada na fotografia 4, a seguir.

Fotografia 4 - Sala de informática da Casa dos Sonhos



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2017.

A *entrevistada 2* diz que no que se refere à questão de inclusão digital, o projeto pedagógico leva em consideração a discussão da velocidade com que circula a informação através da internet, essa rede que interliga as pessoas do mundo inteiro, compartilhando informações e difundindo formas de culturas e saberes. No entanto, o objetivo desse espaço é,

não apenas com o aprendizado dos recursos que essas novas tecnologias oferecem, mas alertar sobre o bom uso das informações e sempre verificar sua veracidade.

De acordo com Streck (2001, p. 85) “o uso das novas tecnologias na Educação tem se tornado um dos assuntos mais destacados e mais polêmicos na pauta pedagógica dos últimos tempos”. Por esse motivo, no ambiente escolar essas novas tecnologias devem ser apresentadas de forma cautelosa, apesar de mostrar um espaço de iguais, pode esconder uma dominação imperceptível. Conforme alerta Boaventura de Sousa Santos (2006, p. 307):

o ciberespaço apresenta-se como um ambiente anárquico, de livre acesso, descentralizado, não hierárquico onde a igualdade parece reinar sem atritos. “A questão está em saber se a redópolis – cidade enredada pós-moderna que sucede a metrópole – é uma cidade sem muralhas ou uma cidade em que as muralhas assumem novas formas e em que as ‘autoestradas da informação’ são marcas de um apartheid informático”.

As Irmãs e as educadoras reconhecem que existe uma grande dificuldade em apresentar essas novas ferramentas para os educandos. O processo de inclusão nas redes digitais deve ser realizado, mas sem perder a criticidade com relação aos conteúdos que estão disponíveis nas redes. É preciso cultivar a permanente vigilância, na medida em que elas têm se constituído um “espaço privilegiado para a difusão de ilusórias formas de certeza” (PÉREZ; CASTILLO, 2001, p.28).

3.2. Do sonho à realidade: Arca dos Sonhos – Biblioteca e Brinquedoteca

Na apresentação do projeto da Biblioteca “Aprender brincando” é relatado como surgiu a necessidade de construir um espaço de leitura que contemplasse toda a Comunidade de Santo Amaro:

O projeto da biblioteca materializa-se das necessidades vivenciadas com as crianças, adolescentes, jovens e adultos da comunidade que apresentam fragilidades na aprendizagem escolar, com alto índice de analfabetismo e dificuldade na leitura e escrita. É com base nessas necessidades primárias que surge a ideia de funcionalizar o espaço lúdico de leitura que possa contribuir, atrair, estimular e despertar um novo sentido na construção dos seus sonhos, superando sua vulnerabilidade social. Este projeto viria providenciar a inclusão de muitos que ainda não tem acesso à leitura e escrita, se tornando um único espaço desse tipo para uma grande população com acesso a uma biblioteca e um espaço. (ASSOCIAÇÃO CASA DOS SONHOS, 2015, n.p., projeto da Biblioteca).

As obras para a construção da Biblioteca tiveram início no ano de 2105, em um terreno ao lado da Associação Casa dos Sonhos, muitas dificuldades relativas aos recursos financeiros foram enfrentadas, no entanto, a instituição teve muito apoio de empresas parceiras para a conclusão da obra.

A Casa dos Sonhos abriu as portas da Arca dos Sonhos que compreende a Biblioteca Pe. José Comblin e a Brinquedoteca Adriano Araújo no dia 14 de novembro de 2018.

Fotografia 5 - Convite para inauguração



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos- 2018.

A Casa dos Sonhos sempre desenvolveu um sentimento de gratidão a todos aqueles que contribuíram para seu estabelecimento e desenvolvimento na cidade de Santa Rita.

A Biblioteca Pe. José Comblin é uma homenagem ao grande educador e escritor da Teologia da Libertação:

A biblioteca carrega consigo um nome repleto de significado, nome de um dos importantes amigos de nossa comunidade, do nordeste (sic), da América Latina e do mundo. Nome que impulsionou a um sonho tornar-se realidade e nos levou a superação de todo um contexto nos permitindo vivenciar esse momento de alegria e prazer. Um amante dos livros, apaixonado Leitor (sic) e propagador das possibilidades que os mesmos podem nos fazer adentrar. (NUÑEZ, 2018).

Fotografia 6 - Inauguração da Arca dos Sonhos - Biblioteca e Brinquedoteca



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos- 2018.

A Biblioteca foi pensada como espaço de convivência e de troca de saberes. Para as educadoras da Casa dos Sonhos é relevante um espaço de diálogo e leitura pronto para acolher os membros da Comunidade Santo Amaro.

Fotografia 7 - Biblioteca Pe. José Comblin



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

A educadora e assistente social Danielle Maria trabalhou na Casa dos Sonhos e teve a oportunidade de conviver com o Adriano Araújo, e relata a importância do Adriano para a Casa dos Sonhos e o motivo da escolha do seu nome para a Brinquedoteca:

Querido Adriano, recordar é de fato viver duas vezes. Vemos nessa realização do grande sonho para a comunidade (abertura da biblioteca e brinquedoteca comunitária) uma belíssima forma de lhe perpetuar no meio de nós tornando possível para os seus amigos e familiares o que você tanto amava: a ludicidade, a arte, a leitura, a música, a alegria, a possibilidade de alimentar outros sonhos como assim te alimentava. (ASSOCIAÇÃO CASA DOS SONHOS, 2018).

O jovem Adriano constitui uma inspiração para diversos jovens da Comunidade. Sua vida foi breve, mas repleta de significado para os jovens que frequentam a instituição. Desse modo, a Casa dos Sonhos sempre faz memória desse importante sonhador da Comunidade que conseguiu incorporar à sua vida os ideais e práticas da Associação.

Fotografia 8 - Brinquedoteca Adriano Araújo



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

Atualmente, a Biblioteca possui quatro mil livros e a Brinquedoteca três mil brinquedos pedagógicos, um acervo completamente disponível para a Comunidade. Yudith Gómez, uma das fundadoras da Associação e atual presidente, relata a importância desse espaço para a Comunidade:

A comunidade tem um espaço de crescimento, de dignidade, de construção da cidadania, será muito importante para o nosso trabalho a favor de uma cultura de paz. E uma cultura de paz se constrói com justiça social. A Arca teve um impacto muito grande na comunidade e nas crianças, causou muita alegria e entusiasmo. Os jovens começaram a se projetar como divulgadores das temáticas que estão dentro de lá. A beleza do espaço e a diversidade de matérias, também levantou a autoestima das pessoas da comunidade. A importância do lugar se estendeu a outros municípios e instituições, e na avaliação de muitos, talvez seja a única biblioteca e brinquedoteca com estas

características na Paraíba. Ela responde a dois tipos de fome: de conhecimento e de beleza. (CASA DOS SONHOS, 2018).

Podemos ressaltar a relevância da Brinquedoteca para as crianças e jovens da comunidade, pois assume um papel de fundamental importância para o desenvolvimento do processo cognitivo por meio da ludicidade. É através das brincadeiras e jogos que as mediadoras estimulam o raciocínio lógico, a coordenação motora e a criatividade. A Biblioteca e Brinquedoteca funcionam tanto pela manhã quanto à tarde com uma programação de atividades, mostra cultural, galeria, brincadeiras e a hora do conto com os mediadores de leitura.

3.3. Educadoras e a articulação do projeto de leitura

Além do trabalho junto aos educandos, a leitura torna-se ferramenta fundamental para formar os educadores. Percebemos ao longo de nossas visitas que a Casa dos Sonhos se utiliza dos livros e do ato de ler para aumentar a autoestima das educadoras e ao mesmo tempo inovar suas ações por meio da *palavra*.

A Casa dos Sonhos reserva uma formação mensal para suas oito educadoras com a finalidade de manter vivo o cultivo pela leitura. Desse modo, a instituição convida outros educadores para verificar e contribuir em novas técnicas de contação de histórias.

De acordo com a *entrevistada 2*, a Casa dos Sonhos tem sido de fundamental importância para modificar a postura das mulheres daquela Comunidade. A maior parte do corpo docente dessa instituição é formada por mulheres e isso se torna algo bastante importante para a vida da Comunidade. Não se trata apenas de uma questão de gênero, mas um reconhecimento da vitalidade e da sensibilidade das mulheres para com o tema educação.

Ao participarmos de algumas iniciativas da Casa dos Sonhos, percebemos que em algumas narrativas de contação de histórias, algumas educadoras colocaram suas vidas diante dos grupos e se emocionam com as experiências vividas. Com essa observação percebemos que a Casa dos Sonhos trabalha as emoções das suas educadoras enfatizando o valor das subjetividades e da experiência do cuidado.

É perceptível que várias educadoras fazem um momento de vivência entre eles e saem renovadas a cada encontro formativo da instituição. Tais mulheres se colocam à disposição da Comunidade para servir, mas não permitem que o esgotamento ou a falta de motivação possam diminuir a importância de sua ação ao longo da caminhada. Ao conversarmos com as fundadoras da Associação, percebemos que muitos educadores estão caminhando com a Casa dos Sonhos desde sua fundação.

Com isso, elucidamos que as educadoras presentes naquela organização vivem a cada dia a experiência da *Libertação*, da *Emancipação* e do *Cuidado*. Todas as mulheres que agem junto à Comunidade sejam educadoras ou mães atuam de forma inovadora e voltam aos seus lares cientes de sua postura no mundo.

Assim, percebemos que a Associação contribui de forma direta para o crescimento da Comunidade Santo Amaro e que surgem novos sujeitos de uma ação popular embalados na leitura das letras e do mundo.

A Casa dos Sonhos tem apresentado novos sonhadores para aquela Comunidade, mas mais do que isso tem pronunciado uma palavra criadora e libertadora marcada pela contestação, pela crítica e pelo compromisso com a transformação da sociedade.

Ao analisarmos a Associação Casa dos Sonhos e as ações pedagógicas presentes, percebemos que a instituição tem desenvolvido um projeto educacional que alia a capacidade criativa e o dinamismo da Educação Popular ao seu cotidiano.

O cotidiano da Associação “encarnou” nas suas práticas os ideais de uma Educação Popular atenta às dimensões importantes na vida humana. Podemos perceber que tal grupo não apenas complementa a ação educacional das escolas, mas, mais do que isso tem transformado vidas e a comunidade local.

É importante perceber que apesar dos desmandos administrativos presentes em Santa Rita, a Associação constitui um sinal de esperança e de utopia, pois fala à Comunidade que é sempre necessário não perder a esperança, alargar os horizontes e lutar por um mundo novo.

Apreendemos que ao longo das práticas desenvolvidas na Casa dos Sonhos a *Libertação*, a *Emancipação* e a experiência do *Cuidado* já são realidades palpáveis. A *Libertação* na concepção da Associação não é uma ideia, uma teoria distante da realidade, mas uma ação propiciada por todos aqueles que sonham com um mundo mais justo e

solidário. A emancipação está presente graças à mudança do perfil dos educandos e educadoras que participam do cotidiano da instituição. O *Cuidado* se estabelece quando acontece a mudança de perfil adotada pelas educadoras e educandos.

Vimos em nossas visitas àquela organização que o cotidiano da Comunidade é modificado pela presença transformadora dos agentes daquele lugar. O protagonismo das educadoras é evidenciado por meio do valor da *palavra*, das oficinas de leitura e pela capacidade de articular vida e estudo, labor e ludicidade, sofrimentos e alegrias.

A Casa dos Sonhos é o lugar onde nasce uma prática pedagógica interdisciplinar. Nela, as religiosas, os voluntários, a psicóloga, a pedagoga e outras educadoras desenvolvem atividades para o crescimento integral das pessoas.

Podemos perceber também que embora sendo um movimento que tem suas origens no mundo eclesial, a Casa dos Sonhos não restringiu suas atividades a essa dimensão da experiência humana. Jamais se percebeu em tal instituição sequer a sombra de uma prática proselitista, pelo contrário, a instituição é conhecida como referência na Comunidade de Santa Rita pelo estabelecimento do diálogo com as diferenças e peculiaridades que envolvem a vida de qualquer comunidade laica. Desenvolvem uma cultura de paz.

Verificamos também que as práticas de leitura desenvolvidas naquela organização comunitária pautam sua visão de mundo em uma vertente progressista da Educação. Os escritos de Paulo Freire e, sobretudo sua metodologia fazem parte da vida das pessoas que frequentam a casa.

Outro ponto importante é perceber que apesar de existir um nível maior de organização naquela Comunidade do que havia anteriormente, a Casa dos Sonhos não se permitiu enrijecer suas práticas. Geralmente se percebe que algumas associações à medida que o tempo passa acaba por mudar de perfil ocasionando um desprezo daquelas primeiras experiências vividas. A Casa dos Sonhos reconhece seus fundamentos, não esquece sua história, todavia aponta para o futuro.

Ao observar a Casa dos Sonhos também podemos constatar que surgem naquele cenário novos sujeitos. Crianças, jovens e mulheres que antes estavam à margem da Comunidade se sentem partícipes da vida, do cotidiano e das lutas dela.

A Casa dos Sonhos também é responsável por promover uma articulação entre a fala, os livros e a vida das pessoas. Com as ações dessa Associação, o livro não fica reservado ao meio acadêmico ou a um grupo de especialistas “intérpretes” de oráculos, mas o livro se constitui uma ferramenta de libertação que permite a leitura de morfemas, gráficos, imagens e, sobretudo a leitura da vida.

Com a Casa dos Sonhos percebemos que o povo, as pessoas mais simples são capazes de conferir sentido novo aos clássicos da literatura universal, as fábulas, aos contos de matriz africana e outros registros literários.

Além dos itens apresentados, a Casa dos Sonhos também é responsável por apresentar novas possibilidades às pessoas daquela Comunidade. Já existem egressos da Casa dos Sonhos frequentando cursos de extensão na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na área da música (percussão) e em outras instituições educacionais. Embora não seja a principal prioridade da Associação, há também uma preparação das pessoas para melhorar sua desenvoltura e serem incorporadas ao mercado de trabalho.

Sabemos que são muitos os obstáculos vividos pela Casa dos Sonhos, contudo, ela compõe um sinal de que é possível sempre criar novas ações em vista da libertação das pessoas. Ainda é possível lutar sem perder a ternura, mantendo o vigor e a firmeza de propósitos.

A Casa dos Sonhos não resolverá os problemas da Comunidade de Várzea Nova, mas certamente essa Comunidade se torna menor sem os sonhos da Associação. Esta, por sua vez, apresenta os sonhos para que todos possam pela *palavra*, pelos livros e pela cultura de paz consolidar na Comunidade um saber para a vida, marcado pelo cuidado, pela busca constante de libertação e pelo valor das subjetividades.

A tarefa da Casa dos Sonhos está longe de ser concluída. Ela se iniciou, mas seu alcance histórico aponta para os sonhos, as utopias, e por essa razão será continuamente renovado. Podemos afirmar que seu propósito é reencantar a vida pela educação, pela *palavra* e com isso as lutas não terminam, mas são enfrentadas com sabedoria e ternura.

CAPITULO 4 - A CASA DOS SONHOS: LUGAR DE EDUCAÇÃO POPULAR

A Casa dos Sonhos se configura como uma instituição de educação não formal cujo processo de aprendizagem tem como centro o indivíduo. As atividades desenvolvidas tem um caráter extracurricular, que ocorre no período oposto ao da escola. O processo educacional desenvolvido pela instituição envolve as práticas culturais, projetos de leitura e criação, arte, atividades esportivas, oficinas de práticas circenses, curso de fotografia, apoio pedagógico como reforço escolar, escola de música, rodas de conversas, vivências com grupos de mães, informática, ensino da cultura brasileira e práticas de meditação.

Para uma melhor compreensão, temos na esfera educacional três tipos de educação: a formal, informal e a não formal. Gonh (2006) demarca seus campos de atuação:

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização – na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e cultura própria, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas. Sendo assim, a educação formal tem um espaço próprio para ocorrer, ou seja, ela é institucionalizada e prevê conteúdos, enquanto que a educação informal pode ocorrer em vários espaços, envolve valores e a cultura própria de cada lugar. Já a educação não formal ocorre a partir da troca de experiências entre os indivíduos, sendo promovida em espaços coletivos.(p. 28).

Podemos dizer que esses campos educacionais são desenvolvidos de forma separada, mas não são independentes entre si. Gohn (2006, p. 29) comenta quanto aos objetivos de cada uma das modalidades: educação formal os concernentes ao “ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados” que prepara o indivíduo para atuar em sociedade como cidadão ativo. A educação informal tem como objetivo socializar os sujeitos e desenvolver hábitos e atitudes, isso ocorre de acordo com a cultura e os valores de cada grupo. A finalidade da educação não formal é proporcionar conhecimento sobre o mundo que envolve os sujeitos e suas relações sociais. Esse tipo de educação surge dos interesses e necessidade das pessoas de cada grupo e quando visa à justiça social “fortalece o exercício da cidadania” e complementa.

Com o embasamento destas modalidades de educação e a convivência com a Casa dos Sonhos e a Comunidade de Santo Amaro fomos conduzidos à reflexão sobre a Educação Popular e as práticas de leitura.

Em nossa pesquisa concebemos Educação Popular como práticas político-pedagógicas que propiciam a emancipação e valorização do sujeito, sua inserção em uma determinada comunidade e sua luta por inclusão social.

A experiência da Casa dos Sonhos é uma ação que se estabelece como *práxis* da Educação Popular por dispor de uma variedade de sujeitos dispostos a refletir e aprofundar seu cotidiano. É por essa razão que é oportuno refletir sobre essa perspectiva, pois o cotidiano revela uma variedade de experiências libertárias capazes de revelar as contradições e crescimentos em um determinado espaço.

A Educação Popular e seus pensadores como Paulo Freire, Vanilda Paiva, Danilo Streck, Brandão, entre outros que contribuíram e ainda contribuem para o aprofundamento e reflexões desta valiosa perspectiva educacional estão presentes no cotidiano das educadoras da Casa dos Sonhos e os acompanha em suas teorizações e *práxis*. Compreendemos que nessa perspectiva o educador é responsável por despertar a consciência crítica no educando.

De acordo com as educadoras que atuam na instituição, a primeira leitura que os sujeitos devem fazer é a “leitura de mundo”. O mundo de cada indivíduo é o mundo da existência perceptiva e cognoscitiva, o mundo das primeiras leituras. As palavras e os textos são chamados a se tornar “vida” numa série de elementos que fazem parte da vida dos educandos.

Fotografia 9 - Mediadoras de leitura



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos

Nessa lógica, Brandão e Fagundes (2016, p. 96) afirmam que:

(...) A ação política através de ações culturais, para ser libertadora, deveria partir dos símbolos e dos significados das próprias raízes culturais populares – a arte popular, os saberes populares, as diferentes tradições populares em todas as suas dimensões, os costumes, etc. –, repensando-as a partir da associação entre a sua experiência de vida e a autônoma interação com/entre os agentes e os recursos do movimento de cultura popular.

Para Paulo Freire (2013), é necessário que a alfabetização, bem como outras práticas da Educação Popular, seja crítica. Isso significa dizer que os educandos buscam o conhecimento e o aprofundamento das letras interagindo com o mundo e buscando transformá-lo, uma vez que “a leitura de mundo antecede a leitura das letras” (FREIRE, 2013, p.79). Na perspectiva do autor, os educandos partilham o conhecimento sem desprezar outros saberes. Assim, cultura e política estão entrelaçadas nessas práticas pedagógicas.

As palavras e os textos são chamados à “encarnação” numa série de coisas que fazem parte do mundo dos educandos. Tornar-se íntimo do próprio mundo é o primeiro passo para se perceber em relação a ele mesmo, capaz de entender a própria leitura que se faz dele. A decifração da palavra eclode da “leitura” do mundo particular. Faz-se necessário a busca, a procura, o encantar-se pela estética da palavra: a sua boniteza expressada na leitura ou na escrita é sempre a força de algo essencialmente necessário à emancipação humana.

4.1. A Casa dos Sonhos e suas múltiplas ações educativas

É importante ressaltar a relevância da Casa dos Sonhos como lugar de manifestações culturais populares, que respeita as subjetividades da Comunidade de Santo Amaro e junto contribui para sua construção identitária. Sabemos que desde cedo as práticas de Educação Popular se revelaram a partir de diversas manifestações culturais em vários lugares do país.

No início da “década que não acabou”, como ficou conhecido o período dos anos de 1960, esboços de novas ideias e propostas de ação social, através da cultura e da educação, junto às classes populares, emergem no Brasil e se difundem pela América Latina. Nos seus primeiros documentos, a ideia de uma nova cultura popular irrompe como uma alternativa pedagógica de trabalho político, que parte da cultura e se realiza por meio da cultura. Associadas a projetos que vieram a constituir, mais tarde, a educação popular, foram criados os primeiros movimentos de cultura popular em algumas regiões do Brasil. (BRANDÃO; FAGUNDES, 2016, p. 95).

A Casa dos Sonhos desenvolve atividades envolvendo o mundo da música, do conhecimento popular e da ludicidade em seu cotidiano como ferramenta para o trabalho educativo. A música é apresentada como uma diversão para que a criança possa desenvolver aptidões e conhecimentos, mas também como ferramenta de capacitação para tocar a sensibilidade musical daqueles que estão envolvidos nesse processo pedagógico. Atrelado a música com a “Orquestra Casa dos Sonhos” tem o grupo de dança com ênfase em ritmos afro-brasileiros com o objetivo de promover e democratizar a cultura africana, o *Empoderamento* e a autoafirmação da descendência africana na identidade dos educandos.

Fotografia 10 - Apresentação da Orquestra Casa dos Sonhos na Creche Eitel Santiago



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

Essas atividades são expressões de manifestação cultural que a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) define como ações que resultam da criatividade dos sujeitos, dos grupos e das sociedades e que possuem conteúdo cultural com um significado simbólico, com uma dimensão artística e com valores culturais que têm na sua origem identidades culturais e as exprimem.

Além dessas ações, a Casa dos Sonhos também possui uma preocupação em desenvolver através do esporte e lazer os aspectos físicos e emocionais nas crianças e nos jovens. Por essa razão, utiliza da prática de esportes, das brincadeiras e jogos criativos como recurso para trabalhar vários aspectos de suas vidas. De acordo com Graciani (1997) o esporte e lazer também são práticas educativas.

(...) são educativas justamente para ter uma intencionalidade, uma temporalidade e uma organização. Formam parte do âmbito da educação não formal. O fato de aprender não é aleatório, é uma consequência planejada. Não obstante, não se trata de aprender qualquer coisa ou ao acaso, mas determinados aspectos da realidade, com sua valorização pertinente, isto é, trata-se de educar dentro de um modelo que permita desenvolver a liberdade em relação de dependência com todos os outros. (GRACIANI, 1997, p. 130).

Fotografia 11 - Grupo de Dança Afro



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

A Casa dos Sonhos também executa um bom número de atividades que visam o desenvolvimento junto à Comunidade de Santo Amaro. Nesse ponto, podemos destacar a força do trabalho voluntário, que está presente desde a criação da instituição, é contando com essa força que tem a capacidade de crescer e evoluir, podendo, dessa forma, contribuir para um futuro melhor para as crianças e jovens da Comunidade. A colaboração acontece de acordo com as aptidões de cada voluntário envolvido. É perceptível, por exemplo, a presença das mães dos educandos que se dispõe a ajudar nesse trabalho em algumas ocasiões. Para essas mães cuidar do espaço onde os filhos estão adquirindo conhecimento gera um sentimento de zelo e pertença.

O grupo de mães é formado por 20 mães que atuam assiduamente na Associação como voluntárias, que se reúnem mensalmente para tratar de questões relacionadas à família, educação, direitos e comunidade. Essas reuniões têm como objetivo refletir sobre o próprio mundo e o papel da mulher como pessoa, mãe, e cidadã. Tais reuniões são dialogadas, com momentos de ludicidade, oficinas de arte e dinâmicas de grupo. Freire (2000, p. 23) nos diz

que “o homem deve dinamizar seu mundo, para ir dominando a realidade, para deixar de ser rebaixado a puro objeto, para atuar como construtor da sua história, assumindo cada vez mais funções de intelectuais”.

Na visão de Tozoni (2006), quando uma pessoa consegue aprender algo de acordo com sua perspectiva de mundo, pode vir acontecer uma transformação social, visto que uma transformação de consciência e emancipação só acontece a partir de uma visão crítica da realidade em que vive.

(...) a educação libertadora tem, como pressuposto, o questionamento radical das relações dos homens entre si e deles com o mundo em que vivem, criando oportunidades para um processo de desvelamento do mundo tendo como objetivo último a transformação social, entendendo que a educação não é a garantia das transformações sociais, mas que as transformações são impossíveis sem ela, sem uma visão crítica da realidade (TOZONI, 2006, p. 9).

Fotografia 12 - Reunião de mães e responsáveis



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

Podemos perceber que essas ações vão se consolidando como práticas da Educação Popular, quando essas famílias se organizam e constroem uma postura política que as impulsiona a lutar por moradia, saúde e infraestrutura para a Comunidade. Em 2018, o governo do estado da Paraíba na gestão de Ricardo Coutinho entregou uma obra para moradia, várias famílias atendidas pela Casa dos Sonhos foram contempladas com apartamentos no Condomínio Rosa Luxemburgo (Loteamento Bom Vista – Santa Rita/PB) e

conquistaram o direito à moradia. A assistente social e as fundadoras da Casa dos Sonhos estiveram presentes nesse momento tão significativo para as famílias que foram contempladas com as casas.

Não podemos deixar de falar da importância do nome dado ao Condomínio Rosa Luxemburgo, uma revolucionária e teórica marxista polonesa, naturalizada alemã e destacada dirigente do Movimento Comunista Internacional. Foi brutalmente assassinada em 15 de janeiro de 1919, em Berlim- Alemanha. Neste ano de 2019 completa cem anos de sua morte. Rosa Luxemburgo escreveu *Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem*. Uma frase que nos fala muito na conjuntura atual.

4.2. A Casa dos Sonhos: da leitura do mundo à leitura dos livros

O universo da criança sempre é marcado pela curiosidade e pela abertura ao diálogo. As palavras por sua vez têm o poder de construir imagens e de aguçar a curiosidade das crianças envolvidas em processos educacionais. Com relação às *práxis* presentes na Associação Casa dos Sonhos, o cultivo à leitura e o fomento do conhecimento de obras literárias refletidas em grupos tem propiciado a emancipação dos sujeitos presentes naquele espaço.

A identificação da criança com o personagem de várias histórias, mesmo estando fragilizada e sem condições de locomoção física, transporta-a para o mundo da imaginação, fazendo com que ela participe da aventura que lhe foi apresentada e considera os contos de fadas como terapêuticos, porque podem oportunizar vitórias mesmo diante dos obstáculos, e principalmente por alimentarem a esperança de cura, haja vista que o final feliz das histórias age como uma mola propulsora de alívio, esperança e fé a partir da identificação das crianças com o personagem. (CALDIN, 2004, p. 33).

De acordo com autores como Ouaknin (1996), a leitura é capaz de promover uma ação que consola, conforta e eleva a autoestima dos envolvidos em um processo de contação de histórias. Paulo Freire (2013) acrescenta, além de tais aspectos, a noção de que a *palavra* nasce do cotidiano das pessoas e para elas volta transformada.

As educadoras da Casa dos Sonhos pensam também de forma semelhante. A *palavra* não é algo estanque, mas dinâmico e capaz de conceder novos olhares à realidade da própria Comunidade. A prática da leitura está presente na Associação por meio de um projeto de leitura, mas também por meio de outras práticas, conforme a fala da *educadora 1*:

O projeto de leitura é um dos eixos fundamentais trabalhados na instituição, a prática (sic) da mediação de leitura é trabalhada em todas as oficinas, principalmente nas oficinas de letramento, através das contações de história, rodas de leitura, tendas de leitura, sopro literário, oficinas de escritores e empréstimos de livros, todas essas práticas aproxima (sic) educando e educador, a escolha do livro, as rodas de conversa inevitável (sic) de cada processo, partilha de vida, de experiências, desejos futuros, são laços construídos, caminhos que aproximam um do outro. (EDUCADORA 1, 03 de março de 2018, informação escrita).

Ao conversarmos com a *educadora 2* e verificamos que a leitura constitui o principal recurso para o diálogo e ação dos novos aprendentes¹⁶.

O projeto de leitura na instituição atua tanto com as crianças quanto com os jovens. Com as crianças atuamos tanto com o letramento, com oficinas de arte, contação de histórias, rodas de leituras, a partir do texto em si. Nós desenvolvemos temas do currículo escolar e introduzindo o reforço. Esse é o caminho. Com os jovens a gente tem uma dimensão diferenciada. A gente desenvolve com contação, dramatização, produção de textos, empréstimos de livros. (EDUCADORA 2, 20 de agosto de 2018, informação oral).

As histórias infantis são sempre fonte de prazer, cheias de significados e simbolismo que estão implícitos nas tramas dos personagens. Portanto, para bem contar e ler histórias, é necessário interpretá-las fazendo uso de vários recursos artísticos e lúdicos, esses recursos são meios que ampliam o horizonte da criança e alarga o seu conhecimento em relação ao mundo em sua volta, e ainda promove a interação entre narrador, texto e ouvinte.

Para Abromovich (2003) é importante que durante a formação da criança ela possa ouvir muitas histórias. Gregorin (2009) acredita que é possível levar muitas crianças a ampliarem e educarem seus olhares para a literatura e para a arte, se transformando em leitores plurais e, consequentemente, cidadãos mais preparados para a vida em sociedade.

Com relação ao Projeto de Leitura, podemos perceber que ele se relaciona com a ludicidade e a arte. Na contação de histórias é feita a articulação entre saberes e, ao mesmo tempo, um retorno por parte das crianças envolvidas no processo educacional. A narrativa de uma determinada contação de história pode revelar por vezes, que o herói ou a heroína é alguém do convívio das crianças e dos jovens, bem como o vilão, ou seja, é através da narrativa que facilita a criança a compreensão de valores básicos de respeito à pessoa e da convivência social. Nesta perspectiva, a literatura infantil assume um papel libertador, através dela a criança pode expressar suas emoções e afetos.

¹⁶ Essa expressão foi criada por Hugo Assman. Significa dizer que a aprendizagem não é mera transmissão de conceitos, mas uma experiência constantemente revisitada, aberta e, portanto, dinâmica.

Conforme o relato da *educadora 1*, a prática da contação de histórias feita por ela é dinâmica e envolve todas as crianças. “Desenvolvemos temas através da mediação da leitura e das artes. A contação de história constitui a chave de ingresso para muitas coisas para facilitar aprendizagem da base educativa deles”.

Há poetas que brincam com as palavras dum modo gostosíssimo de a criança ouvir e ler. Lidam com toda ludicidade verbal, sonora, às vezes musical, às vezes engraçada, no jeito como vão juntando palavras, fazendo com que se movam pela página quase uma cantiga, e ao mesmo tempo jogando com os significados diferentes que uma mesma palavra possui. (ABRAMOVICH, 1997, p. 67).

Na fotografia 13 (abaixo), a atividade é uma mediação de leitura, onde a criança conta a história inserida no universo da imaginação, vestida de princesa. Neste processo em que a leitura é desenvolvida pela criança, gera um protagonismo de autonomia e emancipação de novos leitores. No momento da narrativa as crianças trabalham diversas habilidades e enriquece o vocabulário, desenvolve a linguagem, a organização das ideias e ainda vencem questões emocionais e a timidez.

Fotografia 13 - Atividade externa de mediação de leitura



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

No Projeto “Tenda da Leitura” a proposta é realizar atividades de leitura com a Comunidade, as crianças que conduzem todas as atividades na contação de histórias. Elas encenam, cantam, pulam e dançam. Uma verdadeira brincadeira recheada de conhecimento, aprendizado, autonomia, liberdade de expressão e criação artística. Esta tenda é levada para as

ruas, escolas públicas, praças, eventos e bairros circunvizinhos, utilizando sempre a contação oral e o manuseio do livro conforme afirma a *entrevistada 2*, responsável pelo projeto. A contação de histórias ativa a imaginação de acordo com Rodrigues (2005):

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

Fotografia 14 - Tenda da Leitura (atividade externa de mediação de leitura)



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

Ao falar sobre o projeto “Tenda da Leitura” a *educadora 2* se mostra bastante satisfeita com os resultados e relata: “essas experiências estão sendo bastante satisfatórias, pois estimula o desenvolvimento da atenção, da imaginação e, sobretudo da observação do mundo”.

Antes da construção da Biblioteca José Comblin (Arca dos Sonhos), na Fotografia 8 podemos ver como era o espaço do cantinho da leitura, não era um espaço tão amplo para disposição dos livros, mas já existia uma catalogação do acervo e o serviço de empréstimos que era constante.

Fotografia 15 - Educadoras da Casa dos Sonhos
Momento da entrevista com a autora da pesquisa na sala de leitura.



Fonte: Acervo da autora, 2018.

O livro emprestado se apresenta como uma espécie de divulgação do prazer da leitura junto aos educandos. Sua finalidade é propiciar a ampliação de leituras possíveis de suas realidades colocando-se com uma postura crítica.

Eles levam os livros para casa passam uma semana com eles, ao retornar fazemos a roda de leitura – nem todos pegam. A nossa missão é incentivar de pegar o máximo possível. Ter o contato com a leitura, o texto. Um dos nossos objetivos é introduzir o letramento literário, fazer com que eles percebam a própria leitura no convívio deles, na vida deles. E assim auxiliá-los no conhecimento de palavras novas, no pensamento crítico acerca tanto da realidade que está no texto quanto comparando com a realidade de vida. (EDUCADORA 2, 20 de agosto de 2018, informação oral).

De acordo com o depoimento da *educadora 2* percebemos a clara adesão à postura de Paulo Freire. É preciso ler a *palavra* e ler o mundo e comprometer-se com sua transformação. A *palavra*, a leitura não é mágica, mas é nela que o mundo se abre para sua transformação.

Ferreiro (2010) afirma que as crianças são fáceis de serem alfabetizadas desde que estejam inseridas em contextos significativos. Dessa forma, a criança vai perceber que a escrita é algo interessante que deve ser aprendido. Para Carvalho e Mendonça (2006) ao atribuir novos significados ao ler e escrever, a escola assume:

Uma atitude educativa digna de professores que querem ser reconhecidos como produtores da cidadania, que favorecem às jovens gerações, possibilidades efetivas de compreensão e transformação da sua realidade social e pessoal. (p. 164).

Observamos que a partir dos depoimentos das educadoras 1 e 2 muitas crianças e jovens optam em aprofundar os temas do currículo escolar naquela instituição graças ao seu caráter lúdico. Para Rubem Alves (2008), muitas escolas e organizações educacionais constituem gaiolas pouco atrativas a vida dos estudantes.

Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Seu dono pode leva-los (sic) para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre tem um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo. Escolas que são asas não amam pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado. (ALVES, 2008, p. 29)

A Arca dos Sonhos Biblioteca e Brinquedoteca se configura como esse espaço de inclusão social e de encorajamento, capaz de proporcionar e lançar os sujeitos para voos altos e livres, além de ter um caráter de Biblioteca comunitária, que Jesus (2007) define como instituições

Voltadas para disseminar informação e cultura em locais de carência econômica. (...) Isso se deve ao fato de que a informação só está acessível a quem pode pagar por ela, pois a informação está contida em suportes informacionais como: Internet, livros, revistas, etc., cujo valor ultrapassa o poder aquisitivo de grande parcela da população (JESUS, 2007, 2-3).

A Arca dos Sonhos assume um papel social frente à Comunidade de Santo Amaro com o compromisso de inclusão social na área informacional, por essa razão pode ser caracterizada como uma Biblioteca Comunitária, *território de memória* que, conforme Prado (2010) atua como um sujeito ativo que desempenha um papel fundamental como espaço ideal de leitura, educação, organização social, cidadania, desenvolvimento sustentável, transferência da informação, linguística/dialogismo etc.

De acordo com Prado (2010), as bibliotecas que atuam dentro do modelo *território de memória* são espaços abertos à participação democrática de todos, e o livro e a leitura, além de terem função de proporcionar prazer aos seus usuários, são usados também e, sobretudo como suportes informacionais voltados para a libertação da mente humana.

Neste sentido, elas são de extrema importância porque estão criando as condições essenciais para trazer segmentos sociais que estão fora do processo produtivo moderno a se integrarem nas discussões sobre o que eles representam no processo das mudanças sociais no contexto da sociedade da informação no país (PRADO, 2010, p. 144).

Atualmente o leque do conhecimento, da informação, do acesso livre à leitura se abre para os moradores da Comunidade de Santo Amaro. Essa possibilidade de acesso proporciona uma reflexão mais profunda do papel do leitor como cidadão. “A leitura é uma prática social que envolve atitudes, gestos e habilidades que são mobilizados pelo leitor, tanto no ato da leitura propriamente dito, como no que antecede a leitura e no que decorre dela” (BATISTA, 2005, p.63).

Assim, o acesso por meio das palavras e das imagens contidas nos livros contribui para o *Empoderamento* dos sujeitos. Essas ações pedagógicas desenvolvidas pela Casa dos Sonhos se configuram como práticas da Educação Popular por fazer “um movimento teórico-prático de luta pela inclusão social, através da formação político-pedagógica de sujeitos críticos-reflexivos e construtores de sua história.” (SILVA, 2016, p.37).

4.3. Educação e sustentabilidade

Ao fazer a leitura da realidade social e econômica da Comunidade de Santo Amaro, a Casa dos Sonhos dentro das suas práticas educativas lança um olhar para as questões ecológicas, não apenas no sentido de preservar a natureza, mas juntos construir com a Comunidade uma consciência planetária, a partir de uma educação sustentável.

Uma educação voltada para a sustentabilidade suscita reflexões e ações para a promoção de “uma educação sustentável para a sobrevivência do planeta” (GADOTTI, 1998, p. 83). A visão das educadoras sobre essa questão é que estamos mergulhados em uma grande crise ecológica que põe em risco todo o sistema de vida presente no planeta Terra.

É necessário criar uma nova consciência, uma nova prática, para que possamos olhar a natureza com amor e compaixão que merece. Aqui as crianças cultivam a terra, usa a criatividade com os materiais reciclados, e aprendem o valor de preservar a água e o meio ambiente. (EDUCADORA 2, 20 de agosto de 2018, informação oral)

Para o desenvolvimento das atividades com o tema gerador “ecologia”, as educadoras baseiam-se na perspectiva da Ecopedagogia que propõe uma nova pedagogia dos direitos que associa direitos humanos, econômicos, culturais, e da sabedoria popular. Segundo o Instituto Paulo Freire (1999), ela desenvolve a capacidade de deslumbramento e de reverência diante da complexidade do mundo e a vinculação amorosa com a terra.

Fotografia 16 - Dinâmica do “compromisso de cuidar do planeta”



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

Na fotografia 16 (acima), podemos ver a dinâmica de compromisso com a terra, em que a fundadora Estela Nuñez ressalta a importância de cuidar com amor do planeta Terra, e que cada um fazendo sua parte está cultivando uma cultura de paz. A atividade tem como base os princípios da Carta da Terra que são: respeitar e cuidar da comunidade da vida; integridade ecológica; justiça social e econômica; democracia, não violência e paz. Para Leonardo Boff (2005) importa colocar em tudo a experiência do *Cuidado*. Para isso, é necessário:

Desenvolver a dimensão de *anima*, que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania fundamental à nossa capacidade de sentir o outro; ter compaixão com todos os seres que sofrem, humanos ou não-humanos (sic); obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas.(...) Significa respeitar a comunhão que todas as coisas têm entre si e conosco. Significa colocar o interesse coletivo da sociedade, da comunidade biótica e terrenal acima dos interesses exclusivamente humanos. Significa colocar-se junto e ao pé de cada coisa que queremos transformar para que ela não sofra, não seja desenraizada de seu *habitat* e possa manter as condições de se desenvolver e co-evoluir junto com seus ecossistemas e com a própria Terra. (BOFF, 2005, p.4, grifo do autor).

A Casa dos Sonhos possui uma horta, que favorece a aplicação de várias atividades didáticas para os educandos, garante o resgate, valorização e uso dos saberes tradicionais em matéria de saúde popular. Dentre elas, o cultivo de plantas medicinais e hortaliças permitindo ampliar o conhecimento através da relação teoria e prática, sobre o cultivo e manejo das hortas para a Comunidade, assim como o acesso às informações da importância do uso correto das ervas, proporcionando melhores resultados na prevenção e cura de determinadas enfermidades.

Fotografia 17 - Cultivo de plantas medicinais



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, 2018.

Na fotografia 17, as crianças estão envolvidas na atividade do cultivo de plantas medicinais. O objetivo desta tarefa, além do manuseio com a terra, é proporcionar o conhecimento dos princípios ativos das plantas, do acesso às informações sobre o uso correto das ervas para garantir melhores resultados na prevenção e cura de determinadas enfermidades. No momento da plantação as crianças aprendem os benefícios das plantas, os cuidados que ela necessita, e como deve ser consumida: na forma de chá, infusão, xarope ou diretamente na pele.

4.4. Projeto “Fotógrafos de Rua”

Outro projeto relevante para a Casa dos Sonhos é o projeto “Fotógrafos de Rua”. Esse projeto nasceu com a parceria do italiano Alberto Banal em 2009, com o objetivo de despertar através das lentes de uma câmera a criatividade, o desenvolvimento de um olhar crítico/reflexivo da realidade e o protagonismo juvenil.

O ato de fotografar possibilita aos jovens e adolescentes da Casa dos Sonhos a capacidade de interpretar sua realidade, através da análise das imagens tiradas da Comunidade de Santo Amaro, desenvolvendo novas mensagens e informação do cenário onde residem. Essa ferramenta auxilia tanto na difusão de valores culturais, sociais e cognitivos, quanto na reflexão dos educandos sobre a forma como veem o mundo. As mães voluntárias também foram inseridas neste projeto.

O idealizador do projeto, Alberto Banal, é natural da região Trentino (Itália), estudou nas cidades de Verona, Roma e Trento e doutorou-se em Letras e Filosofia na Università degli Studi de Milão. Possui dois livros, um livro de memórias *28 giorni* e a fábula *Nel paese di Fruttilandia*, toda receita que foi gerada a partir de tais obras foi revertida para obras sociais no Brasil.

O “Fotógrafos de Rua” utiliza como instrumentos principais as formas de expressão que permitem a interação e o diálogo entre a fotografia e a visão da realidade das pessoas envolvidas. Em entrevista à jornalista Adriana Crisanto, da Prefeitura Municipal de João Pessoa¹⁷, Alberto Banal (2016) relata que “O projeto ‘Fotógrafos de Rua’ surgiu na Casa dos Sonhos com o intuito de proporcionar aulas de fotografia a jovens e adolescentes do bairro Santo Amaro, no município de Santa Rita, e em várias comunidades quilombolas”.

Ensinando a técnica da fotografia, fotógrafos de rua incentivam a autoestima dos alunos e a confiança nas suas possibilidades de desenvolvimento dentro e fora da comunidade. A fotografia poderá ser o instrumento de libertação e reconhecimento destes grupos excluídos e silenciados. (BANAL, 2016).

O curso de fotografia fornece aos educandos os instrumentos básicos para começar a registrar eventos, festas, passeios, acontecimentos, possibilitando, assim, a construção da própria identidade, da memória de suas famílias e da Comunidade. Para estes jovens o *olhar fotográfico*, traz consigo as realizações de sonhos possíveis, o movimento de resgate da autoestima, a esperança de se tornar fotógrafo, artista entre tantas outras possibilidades profissionais.

Aprendemos quando interagimos com os outros e o mundo e depois, quando interiorizamos, quando nos voltamos para dentro, fazendo nossa própria síntese, nosso reencontro do mundo exterior com a nossa reelaboração pessoal. Aprendemos pelo interesse, necessidade. Aprendemos mais facilmente quando percebemos o objetivo, a utilidade de algo, quando nos traz vantagens perceptíveis. (MORAN, 2013, p. 2).

Durante os seis meses de duração do curso, as aulas são compostas de uma parte teórica (expositiva e dialogada) e, no segundo momento, a parte prática nos lugares onde os alunos moram – aulas de campo. Ao término do curso é realizada uma exposição. Na Mostra fotográfica de 2018 a participante do curso Gilmara dos Santos Silva faz uma fala sobre a importância desse projeto:

Quero falar um pouco do nosso curso que é uma experiência ótima. Através da fotografia nós podemos mostrar várias coisas. Tanto da nossa realidade,

¹⁷ Em ocasião da Mostra fotográfica *Todos diferentes, todos iguais*.

como de outras pessoas e de toda a nossa sociedade, dos fatos que estão acontecendo hoje e no mundo inteiro. Quero agradecer ao professor Alberto pela oportunidade que ele nos deu, que foi de nos capacitar e mostrar que somos capazes de ir além de qualquer coisa, porque por nós morarmos em uma comunidade nós somos considerados como favelados e pessoas pobres sem capacidade para nada. Nós, através do curso de fotografia nós poderemos mudar essa realidade, mostrar que somos capazes de ir muito além do esperado. (SILVA, 2018).

Para Estela Gomez (2018, informação oral), “o momento mais importante foi sempre a reflexão psicossocial sobre o conteúdo das fotografias captadas pelos alunos”. E acrescenta: “tem muita coisa acontecendo na periferia, tem muita coisa bonita, e por isso acreditamos que o futuro tem esperança porque agente (sic) acredita nas possibilidades, acreditamos no próximo, naqueles que possibilitam, a exemplo do Alberto”.

As fotografias captam a força do cotidiano e ao mesmo tempo a sensibilidade dos jovens mediante a situação em que estão inseridos. As fotos registram momentos de trabalho da Comunidade, casas humildes, mulheres que revelam a alegria apesar das dificuldades da vida.

Fotografia 18 - Homens e mulheres trabalhando na Comunidade



Fonte: Arquivo Casa dos Sonhos, [s.d].

A Casa dos Sonhos possui como protagonista o jovem da própria comunidade que estabelece uma relação pautada na esperança e no desejo frequente de transformar o ambiente em que vive. A instituição se tornou, ao longo dos últimos anos, o lugar onde o jovem não

sublima a dimensão lúdica, mas a utiliza para seu próprio conhecimento e crescimento pessoal articulado com sua realidade.

Constatamos, portanto, que a Casa dos Sonhos ao pensar seus projetos como atuação efetiva de uma *práxis* da Educação Popular, revela a capacidade de acreditar e reconhecer o potencial transformador e emancipador que os jovens da Comunidade de Santo Amaro possuem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho tivemos a oportunidade de aprofundarmos as práticas da Educação Popular efetivadas pela Associação Casa dos Sonhos. A qual se propõe indubitavelmente a ser um lugar de novas práticas educacionais onde as camadas populares participam ativamente de sua libertação. Desse modo, a Casa dos Sonhos oferece a possibilidade de efetivar sonhos repletos de beleza e de libertação.

Percebemos que a Educação Popular na presente conjuntura é desafiada a elaborar novas práticas. O contexto daquela Comunidade (Santo Amaro) bem como de outras comunidades de nosso país é marcado pela negligência e ineficácia do Estado e por essa razão, muitos lhe atribuem um papel sumamente relevante.

Santa Rita é um município constantemente desafiado por problemas de ordem política, educacional e social. Assim, a Casa dos Sonhos torna-se uma esperança para muitas crianças, jovens e famílias desse município. Refletimos ao longo da pesquisa sobre a força do protagonismo de diversas mulheres que ofertaram suas energias e tempo para o desenvolvimento de várias atividades dessa Associação.

O trabalho desenvolvido pelas Irmãs dominicanas com outras educadoras não é marcado por uma cisão entre as religiosas e os membros da Comunidade. Há uma cooperação e ao mesmo tempo um sentimento de pertença às iniciativas educacionais.

A Educação Popular desenvolvida pela Casa dos Sonhos não se trata de um movimento de intervenção junto à Comunidade, mas na criação de um movimento onde todos os seu membros participam ativamente.

Os projetos da Casa dos Sonhos transmitem a força dos movimentos sociais que persistem em lutar contra a opressão e injustiça vigente. A experiência da Educação Popular parte do princípio de transformar progressivamente o cotidiano daquela Comunidade oferecendo reflexões e iniciativas conjuntas repletas de compromisso com a efetivação de sonhos.

Outra questão relevante é a importância das categorias adotadas como objetos estruturantes. Na verdade, ao longo da pesquisa, percebemos que a prática antecipava os conceitos e esses foram confirmados no trajeto da pesquisa. *Cuidado, Emancipação e*

Libertação são categorias do cotidiano da Comunidade expressas pela múltiplas ações efetivadas naquele espaço.

Percebemos também que o pensamento e a perspectiva freiriana continuam vivos e impactando a vida dos movimentos e organizações sociais. A ideia de construir a partir dos sujeitos populares e não apenas oferecer-lhe algo pronto está presente no pensamento de Freire, mas também nas práticas de Educação Popular da Casa dos Sonhos.

A instituição também revelou por meio de seus projetos a necessidade de aprofundar a criatividade dos sujeitos que participam desse espaço educacional. Cada projeto busca articular o saber popular com as questões educacionais recentes. São projetos contínuos, progressivos e constantemente avaliados por seus membros, permitindo uma atuação cada dia mais articulada com as necessidades da Comunidade.

O texto explora as fotografias que revelam o cotidiano da Associação. Na verdade, as fotos buscam expressar parte da vida, de seus desafios e conquistas. A fotografia oferece a possibilidade de conceder informações ou confirmar outras previamente anunciadas.

Constatamos que ao longo do desenvolvimento das atividades da Casa dos Sonhos há um apreço especial pela leitura. A leitura não está apenas voltada para o desenvolvimento da atividade de contemplação de obras de literatura, mas constitui uma experiência voltada para o senso crítico e ampliação dos valores dos sujeitos envolvidos.

A Casa dos Sonhos é o lugar onde a leitura ganha uma conotação crítica e libertadora. A leitura não lida apenas com o universo das letras, mas com a capacidade que as pessoas possuem de interpretar o mundo e conferir-lhe diferentes significados. A Casa dos Sonhos não é o lugar de mera passagem de jovens, mas o lugar do retorno de várias pessoas que se identificam com a transformação do mundo proporcionada por meio da Educação.

Desse modo, os sonhos possíveis são efetivados e outras utopias/esperanças são suscitadas. O compromisso com a transformação pela Educação é também o compromisso com a transformação do cotidiano, e isso impele ao nascimento de novos sonhos.

Por fim, percebemos que a Casa dos Sonhos se torna no momento presente um símbolo de resistência e ao mesmo tempo um convite a efetivar práticas da Educação Popular, onde jovens e mulheres não são os destinatários, mas os verdadeiros agentes dessas práticas.

Portanto, consideramos a Casa dos Sonhos como o lugar de produção de uma pedagogia dos Sonhos Possíveis, sonhos coletivos e repletos de vida e sentido para as pessoas. As palavras *Libertação*, *Cuidado* e *Emancipação* não se perdem nessas práticas, pois o *ser* da Casa dos Sonhos as contém com toda a sua intensidade, de tal modo que falar dessa experiência é apontar para o presente de uma prática de Educação Popular, mas também uma inspiração para o próprio futuro dessa educação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. 5ª. ed. São Paulo: Scipione, 1997.
- ALVES, Rubem. **Gaiolas ou Asas? Por uma educação romântica**. Papirus, 7ª ed. 2008.
- AMÂNCIO, Cristhiane. Educação Popular e Intervenção Comunitária: contribuições para a reflexão sobre empoderamento. **Anais do XXVII Encontro Nacional da Associação nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação (ANPED)**. GT 06 - Educação Popular. Caxambu: MG, 2000.
- ASSOCIAÇÃO CASA DOS SONHOS. **Estatuto Social da Casa dos Sonhos**. 2004. Disponível em: < <http://www.casadosonhos.net/>>. Acesso em: dezembro de 2018.
- _____. **Projeto Socioeducativo da Casa dos Sonhos**. 2004. Disponível em: < <http://www.casadosonhos.net/>>. Acesso em: dezembro de 2018.
- BACELLAR, Carlos. Uso e Mau Uso dos Arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; (org.). **Fontes Históricas**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BARBOSA, N. P. **Considerações Sobre Materiais de Construção Convencionais e Não Convencionais**. João Pessoa: Publicação do Laboratório de Ensaaios de Materiais e Estruturas do Centro de Tecnologia da UFPB, 2005.
- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Capacidade da Alfabetização**. Belo Horizonte: CEALE/FAE/UFGM, 2005.
- BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: questões conceituais e metodológicas. In: **Revista Debates**. Núcleo de Pesquisas sobre a América Latina/UFRGS. Porto Alegre: Vol. 1, n.º 1, dez. 2005.
- BOFF, Leonardo. **O Cuidado Essencial: princípio de um novo *ethos***. V.1 n.1, 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1503/1689>>. Acesso em: 01 de fev. de 2019.
- _____. **Saber Cuidar: ética do humano**. Petrópolis: Vozes; 2013.
- _____. **O Cuidado Necessário**. Petrópolis: Vozes. 2014.
- BOFF, L.; BOFF, C. **Como Fazer Teologia da Libertação**. 8ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação Popular?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **O que é Educação?** São Paulo: Brasiliense, 2002.
- BRANDÃO, Carlos R; FAGUNDES. Cesar V. **Cultura Popular e Educação Popular: expressões da proposta freireana para um sistema de educação**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 89-106, jul./set. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n61/1984-0411-er-61-00089.pdf>>. Acesso em 10 de jan. de 2019.

CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia para a Classe Matutina de Aceleração da Escola de Educação Básica Dom Jaime de Barros Câmara: Relato de experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 8/9, p. 10, 2003/2004.

CARVALHO, Maria Angélica; MENDONÇA, Rosa Helena (Org.). **Prática de Leitura e Escrita**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COMISSÃO NACIONAL DA UNESCO. **Diversidade das Expressões Culturais**. Portugal, 2005. Disponível em: <<https://www.unescoportugal.mne.cultuais>>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2019.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução: Magda Lopes. 3ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. John W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. 3ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

BANAL, Alberto. Estudantes da Penha Expõem Trabalhos Fotográfico na Estação Cabo Branco. **Revista Digital do Orçamento Participativo**. [Entrevista concedida a] Adriana Crisanto. João Pessoa – PB, 2016. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/estudantes-da-penha-expoem-trabalhos-fotograficos-na-estacao-cabo-branco/>>. Acesso em: 20 de jan. de 2019.

DURAN, Guilherme Rocha. As Concepções de Leitura e a Produção do Sentido no Texto. **Revista Prolíngua** – ISSN 1983-9979. Volume 2, n.º 2 – Jul./Dez. De 2009.

DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**. São Paulo: Loyola, 1977.

FERREIRO, Emília. **Com Todas as Letras**. 16ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

FERNANDES, Idília. A dialética dos grupos e das relações cotidianas. In: GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro (org.). **Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em perspectiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **Educação e Atualidade Brasileira**. 3ª. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **Educação como Prática da Liberdade**. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 56 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Política e Educação**. 10 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Conscientização**. São Paulo: Cortez, 2016.

FREIRE; Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2013.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o Cotidiano do Professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 12 ed. 2008.

GADOTTI, M. **Ecopedagogia e Educação para a Sustentabilidade**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 1998.

_____. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum, p. 10-32. In: **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012.

GATTI, Bernadete Angelina. **A Construção da Pesquisa em Educação**. Brasília: Liber, 2007.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIROUX, Henry. **Teoria Crítica e Resistência em Educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Teoria Crítica e Resistência em Educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Prefácio. In: FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Participação da Sociedade Civil e Estruturas Colegiadas nas Escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

_____. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. A relação entre a educação popular e os movimentos sociais na construção de sujeitos coletivos. **EDUCERE XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2015. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18577_7958.pdf>. Acesso em : 29 de abril de 2019.

GRACIANI, M. S. S. **Pedagogia Social de Rua**. São Paulo: Cortez, 1997.

GRAY, D. E. **Pesquisa no Mundo Real**. 2ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

GROPPO, Luís Antônio; COUTINHO, Suzana C. **A Práxis da Educação Popular: considerações sobre sua história e seus desafios diante da consolidação do campo das práticas**

socioeducativas. *Revista Educação Popular*, Uberlândia, MG, v. 12, n.º 2, p. 20-33, jul./dez. 2013.

INSTITUTO PAULO FREIRE. **A Carta da Terra na Perspectiva da Educação**. São Paulo: Primeiro Encontro Internacional, 1999.

JESUS, Maria. Implantação de bibliotecas comunitárias nos municípios do Estado da Bahia. In: ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA EM INFORMAÇÃO, 7., Salvador, 2007. **Anais eletrônicos**. Salvador: CIFORM, 2007. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1876/1877>>. Acesso em: 01 jun. 2018.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da leitura**. 15. ed., Campinas, SP – Pontes Editores, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ªed. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MORAN, José Manuel. Caminhos que facilitam a aprendizagem. In: MORAN, J. M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Papirus, 21ª ed; 2013.

NUÑEZ, Estela. **Discurso por Ocasão da Inauguração da Biblioteca Pe. José Coblin da Associação Casa dos Sonhos**. João Pessoa, 15 de novembro de 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Casa-dos-Sonhos-1102228223138304/>>. Acesso em: janeiro de 2019.

_____. **História da Associação Casa dos Sonhos**. 2017. (6min40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=av0dFdhTX_s>. Acesso em: dezembro de 2018.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução de Nicolás Niymi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PAIVA, Vanilda P. **Educação Popular e Educação de Adultos: contribuições à história da educação brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

_____. **História da Educação Popular no Brasil: Educação Popular e educação de adultos**. 6ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Loyola, 2003.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima F; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a História da Educação Popular no Brasil: em busca do outro mundo possível. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 40, p. 72-89, dez. 2010 – ISSN: 1676-2584. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/40/art05_40.pdf>. Acesso em 12 de nov. de 2018.

PÉREZ, Francisco G.; CASTILLO, Daniel P. **La Mediación Pedagógica**. Apuntes para una educacion a distancia alternativa. San José: Dirección de Cooperación Internacional Del Ministério de Relaciones Exteriores Del Reino de los Países Bajos y Universidades San Carlos de Guatemala y Rafael Landívar.2001.

PONTUAL, P. Educação Popular e Democratização das Estruturas Políticas e Espaços Públicos. In: UNESCO. **Educação Popular na América Latina: desafios e perspectivas**. Brasília: UNESCO/MEC/CEAAL, Cap.2, p. 95-105, 2005.

PRADO, Geraldo Moreira. **A Biblioteca Comunitária como Agente de Inclusão/ Integração do Cidadão na Sociedade da Informação**. 1 Inc. Soc., Brasília, DF, v. 3, n. 2, p.143-149, jan./jun., 2010.

RABELO, Amanda O. **A Importância da Investigação Narrativa na Educação**. Revista Educ. Soc., Campinas, v. 32. N. 114, p.171-188, jan./mar. 2011.

RECID (REDE DE EDUCAÇÃO CIDADÃ). **Educação Popular como Política Pública**. Texto para debate. Brasília, DF: Talher Nacional, 2009. Disponível em: < <http://recid.redelivre.org.br/2010/07/23/ep-politicapublica/>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, Arte e Contação de Histórias**. Goiânia: SAMUWIN. 2005.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. 5ª. ed. Porto alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Gilmar. **História da Associação Casa dos Sonhos**. 2017. (6min40s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=av0dFdhTX_s>. Acesso em: dezembro de 2018.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SILVA, Eduardo Jorge L. **Educação Popular: refundamentação e vigência no discurso latino-americano**. Jundiaí: Paco editorial, 2016.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita: letramento na cibercultura**. Educação e Sociedade, Campinas: CEDES, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 18/01/2019.

_____. **Letramento** – um tema em três gêneros. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

STAKE, R. E. **Pesquisa Qualitativa: estudando como as coisas funcionam**. Porto Alegre: Penso, 2011.

STRECK, Danilo R. **Pedagogia no Encontro de Tempos**. Ensaios inspirados em Paulo Freire. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Pesquisar é Pronunciar o Mundo: notas sobre método e metodologia. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). Pesquisa participante: o saber da partilha. Aparecida, SP: Idéias e Letras. 2006.

_____. Territórios de Resistência e Criatividade: reflexões sobre lugares da Educação Popular. In: **Currículo sem fronteiras**, v.12: 185-198. 2012. Disponível em:

<<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss1articles/streck.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. de 2019.

_____. **Educação popular e docência**. São Paulo: Cortez, 2014.

TOZONI-REIS, Marília F. de C. **Temas Ambientais como “temas geradores”**: contribuições para uma metodologia educativa ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Educar, Curitiba: Ed.: UFPR, n.º 27, p. 93-110, 2006.

VASCONCELOS, M.L.M.C.; BRITO, R.H.P. **Conceitos de Educação em Paulo Freire**. São Paulo: Vozes, 2006.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação Popular**: metamorfoses e veredas. São Paulo: Cortez, 2010.

WELFORT, F. V. Educação como Prática da Liberdade. Prefácio. In: FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. 15ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

YAMAMOTO, Oswaldo. É o Quotidiano uma Questão para o Marxismo? In: **Revista de Serviço Social e Sociedade**. Ano 18, n. 54, 1997.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução de Daniela Bueno. Revisão técnica de Dirceu da Silva. Porto Alegre, RS: Penso, 2016.